

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROEF

GILVAN MOREIRA DA SILVA

---

**CADERNO PEDAGÓGICO:  
QUE LUGAR OCUPA AS  
MENINAS NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA?**

---

*Maringá*  
2020



# CADERNO PEDAGÓGICO: QUE LUGAR OCUPA AS MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?



**ELABORAÇÃO:**

**Gilvan Moreira da Silva**

**SUPERVISÃO:**

**Profa. Dra. Larissa Michelle Lara**

**PROJETO GRÁFICO:**

**Débora Aguiar Barbosa da Silva**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
Centro de Ciências da Saúde  
Campus de Maringá – Paraná

**Mestrado Profissional em  
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



Temos o direito a ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza. (Boaventura de Souza Santos, 2006, p. 316)

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	07
OS PERSONAGENS.....	09
1 CONCEITO DE GÊNERO, CURRÍCULO E DIMENSÕES CULTURAIS.....	11
2 AFINAL, ALUNAS E ALUNOS PARTICIPAM DE MODO IGUAL? .....	27
3 A FAMÍLIA INFLUENCIA NA FORMA COMO AS ALUNAS E ALUNOS PENSAM? .....	50
4 CANTINHO DO GÊNERO.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
QUER SABER MAIS SOBRE O ASSUNTO? .....	96
IMAGENS USADAS NO DESIGN .....	100

## APRESENTAÇÃO

Caro (a) professor (a),

Este caderno pedagógico trata do produto educacional que é parte integrante da Dissertação de mestrado intitulado “O LUGAR E O NÃO-LUGAR DAS MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: RELAÇÕES DE GÊNERO E OBSTÁCULOS CULTURAIS “, resultado da pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional –PROEF/UEM. A autoria é de Gilvan Moreira da Silva, sob orientação da Profa. Dra. Larissa Michelle Lara.

A construção da pesquisa e desse produto surge das experiências pedagógicas do autor com alunas e alunos da 3ª série do ensino médio, momentos em que percebeu uma participação menor das alunas (em relação aos alunos) em aulas de Educação Física no Colégio Estadual de Brumado, pertencente à rede estadual de ensino da cidade de Brumado, no Estado da Bahia.

O objetivo foi gerar um produto que pudesse aproximar as professoras e os professores do tema pesquisado. Nesse sentido, surgiu a ideia do caderno pedagógico, o qual traz um formato interativo e dinâmico por meio de conceitos, discussões e resultados que foram fruto da pesquisa realizada no ‘chão da escola’.

O caderno pedagógico encontra-se estruturado em quatro partes: a primeira apresenta conceitos, currículos e obstáculos culturais; a segunda e a terceira mostram os resultados da pesquisa por meio de diálogos e questionamentos fundamentados no referencial teórico utilizado no trabalho; a quarta parte retrata o cantinho do gênero, com sugestões de atividades, filmes, sites, referências e documentário que tratam do tema.

Os resultados apresentados indicam obstáculos e limites que interferem na participação das alunas em aulas de Educação Física, como o machismo, a força física, a generificação das práticas corporais, a compreensão do desempenho escolar na ótica masculina, a naturalização e a normatização de comportamentos e atitudes, a influência da família e seus discursos essencialistas, bem como a naturalização de habilidades como femininas e masculinas.

Reconhecendo a diversidade da prática pedagógica e seus contextos, o caderno pedagógico gestado não tem a intenção de trazer soluções prontas e acabadas no que se refere ao tema gênero e à participação de alunas em aulas de Educação Física. Nessa perspectiva, os resultados da pesquisa e as sugestões pedagógicas que esse caderno propõe tem o intuito de dialogar, com professoras e professores, possibilidades de ações pedagógicas inclusivas e democráticas que possam ser desenvolvidas de acordo a sua realidade escolar.

## OS PERSONAGENS

Os diálogos apresentados no caderno pedagógico possuem personagens que discutem e ilustram as questões acerca da temática. Os símbolos **feminino e masculino** representam questionamentos gerais e textos que robustecem estudos e análises sobre o tema; **Exclamação** representa afirmações que reforçam a discussão relacionada ao tema; **Fernanda e Guilherme** – professora e professor Mestres de Educação Física como articuladores do diálogo; **Interrogação** (boneco 3D várias versões) faz diversos questionamentos sobre o tema; o **professor pesquisador Gilvan Moreira da Silva** (bonecos 3D em várias versões) traz os resultados de sua pesquisa para contribuir com o debate nesse tema; **Beatriz, Alice, Débora, Clara e Eliana** representam alunas da 3ª série do Ensino Médio e **Breno, Edson, Cleber, Augusto e Danilo** representam alunos da 3ª série do Ensino Médio.



Professor pesquisador



Exclamação



Feminino e masculino



Fernanda e Guilherme



Interrogação



**Edson**



**Cleber**



**Augusto**



**Breno**



**Danilo**



**Beatriz**



**Alice**



**Débora**



**Clara**



**Eliana**

# 1 CONCEITO DE GÊNERO, CURRÍCULO E DIMENSÕES CULTURAIS



Você, professora e você, professor, provavelmente já ouviram falar em gênero, certo?

Mas, afinal, como podemos pensar gênero?



Falar sobre gênero é algo importante em qualquer espaço social, mas refletir acerca das relações de gênero no ambiente escolar é algo muito desafiador.

Antes de conceituar gênero, é importante retratar a história do feminismo, destacando três momentos relevantes para essa compreensão: o primeiro, por volta do século XIX e início do século XX; o segundo, na metade de 1960 até o final de 1980; e o terceiro, iniciado na década de 1990.

A primeira grande fase refere-se à conquista do sufrágio feminino, momento em que as mulheres lutaram para a promoção de direitos jurídicos, como igualdade civil, social e política. Elas reivindicavam direitos contratuais, direito ao voto e à liberdade de escolha de cônjuges, sendo contrárias à visão de mulher como propriedade (SOUZA, 2007).



Louise Weiss, juntamente com outras sufragettes parisienses em 1935; a manchete do jornal diz "A Francesa Deve Votar." Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo#/media/Ficheiro:Louise\\_Weiss.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo#/media/Ficheiro:Louise_Weiss.jpg). Acesso em: jul. 2020. (Domínio público)

O segundo momento, por sua vez, teve como objetivo eliminar as desigualdades culturais e políticas, ou seja, a liberação da mulher, tornando-as participativas e visíveis na cultura, na arte, na literatura, na política, no trabalho, no lar, entre outros. Havia preocupação em estabelecer a diferenciação entre sexo e gênero e, para isso, estudos foram ampliados, assim como a denúncia à dominação masculina (SOUZA, 2007).



<http://www.justificando.com/2017/09/14/segunda-onda-feminista-desigualdades-culturais-discriminação-e-políticas-das-mulheres/>. Acesso em: jul. 2020.

Já a terceira fase procurou desmistificar o viés biológico que buscava, na natureza, justificar as diferenças entre os sexos. Essa fase trouxe discussões relacionadas a questões cultural, social, étnica e racial, questionando a participação da mulher na sociedade e procurando dar visibilidade à mulher negra (SOUZA, 2007).



Marcha das Vadias de 2013 em Porto Alegre, Brasil  
Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo> (Domínio público)



Esses momentos históricos foram e são importantes, pois muitos progressos foram conquistados pelos movimentos feministas, e não podemos esquecer suas contribuições.

No entanto, ainda há poucas participações de mulheres em alguns espaços e muito ainda há de se fazer no intuito de reconhecer que mulheres e homens são iguais em relação aos direitos e deveres.



Estudos voltados às relações de gênero passaram a ser decisivos no sentido de perceber a dinâmica do conceito.

GÊNERO ?

GÊNERO ?

GÊNERO ?

GÊNERO?





Vamos conhecer algumas autoras que retratam o conceito 'gênero'?

Altmann e Sousa (1999) entendem que gênero pode ser compreendido como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres, no que se refere à vestimenta, a comportamentos, hábitos, gestualidades, acessórios, entre outros.

"A condição social através da qual nos identificamos como masculinos e femininos. É diferente de sexo, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres, e vice-versa. O gênero, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. Em outras palavras, o corpo é generificado, o que implica dizer que as marcas de gênero inscrevem-se nele" (GOELLNER, 2009, p. 76-77).

"[...] entendendo gênero fundamentalmente como uma construção social – e, portanto, histórica –, teríamos de supor que esse conceito é plural, ou seja, haveria conceitos de feminino e de masculino, social e historicamente diversos. A ideia de pluralidade implicaria admitir não apenas que sociedades diferentes teriam diferentes concepções de homem e de mulher, como também que no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas, conforme a classe, a religião, a raça, a idade, etc.; além disso, implicaria admitir que os conceitos de masculino e feminino se transformam ao longo do tempo" (LOURO 1996, p. 10).

" (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional" (JOAN SCOTT, 1995, p.86).

"[...] se o sexo e o gênero são radicalmente distintos, não decorre daí que ser de um dado sexo seja tornar-se de um dado gênero; em outras palavras, a categoria de 'mulher' não é necessariamente a construção cultural do corpo feminino, e 'homem' não precisa necessariamente interpretar os corpos masculinos. Essa formulação radical da distinção sexo/gênero sugere que os corpos sexuados podem dar ensejo a uma variedade de gêneros diferentes, e que, além disso, o gênero em si não está necessariamente restrito aos dois usuais. Se o sexo não limita o gênero, então talvez haja gêneros, maneiras de interpretar culturalmente o corpo sexuado, que não são de forma alguma limitados pela aparente dualidade do sexo" (BUTLER, 2008, p. 163).

É importante refletir acerca da relação de gênero no espaço escolar. A escola, como espaço cultural e social, é atravessada pelo gênero e pelas relações de poder, as quais podem ser percebidas na construção de normas, padrões, significados e valores que são instituídos por meio do currículo, bem como nas relações estabelecidas entre os sujeitos.



Analisar o gênero no ambiente escolar, de acordo com Scott (1995, p.89) é uma forma “de decodificar e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana.”



Essa discussão no chão da escola é salutar para avançarmos no processo de ensino e aprendizagem, e para rompermos com padrões hegemônicos de gênero nesse espaço.

A construção do currículo é relevante para sinalizar que tipo de educação se quer implementar.





## CURRÍCULO?

“[...] o currículo não é uma realidade abstrata e neutra, mas sim uma práxis, sendo repleto de valores e conflitos e regado a relações de poder; para pensá-lo temos de considerar tanto os aspectos técnicos/instrumentais quanto as relações estabelecidas no âmbito escolar, repletas de mecanismos seletivos e excludentes” (LUCIFORA E REINA, 2018, p.10).

“Não se reduz a uma dimensão técnica, nem a uma lista de conteúdos. O currículo é um artefato cultural. [...] O currículo produz algumas identidades de gênero como legítimas e normais e outras como desviantes” (BACKES; PAVAN, 2017, p.95).

Segundo Louro (1997), a escola não apenas ensina saberes e conhecimentos, mas produz sujeitos, comportamentos, identidades de gênero e diferenças. Essas diferenças são construídas de forma relacional, histórica e cultural.



O espaço escolar é o lugar da pergunta, nesse sentido, a dúvida faz parte da prática pedagógica.

“Questionar um currículo como natural ou imutável deve ser um compromisso de todo educador, deve ser um compromisso a ser assumido no sentido da luta por transformação social” (LUCIFORA; REINA, 2018, p.10).

# VAMOS PENSAR?

Louro (1997, p.63-64), em seus estudos, faz os seguintes questionamentos:

"Afiml, é "natural" que meninos e meninas se saparem, na escola, para trabalhos de grupos e para as filas?"

"É preciso aceitar que "naturalmente" a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo?"

"Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se "misturem" para brincar ou trabalhar?"

"É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão "características" de cada gênero?"

"[...] teríamos que avaliar esses alunos e alunas através de critérios diferentes?"

"Precisamos aceitar que os meninos são "naturalmente" mais agitados e curiosos do que as meninas?"

"E quando ocorre uma situação oposta à esperada, ou seja, quando encontramos meninos que se dedicam a atividades mais tranquilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos "preocupar", pois isso é indicador de que esses/as alunos/as estão apresentando "desvios" de comportamento?"

# VAMOS DIALOGAR?



Professora e professor, vocês já conviveram com essas situações no espaço escolar?

Na sua prática pedagógica essas situações são entendidas como “naturais”?



Qual o comportamento de vocês nessas situações?

Quais são as estratégias pedagógicas utilizadas? Ou vocês entendem que não precisa de estratégias pedagógicas pois é algo “natural” que ocorre no ambiente escolar?



Como afirma Louro (1997, p.63), “a tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como ‘natural’” no espaço escolar e na sociedade. Assim, repensar nossas ações no campo pedagógico é essencial.

“A instituição escolar precisa rever seus currículos e as metodologias postas em prática, de forma a se identificar e desconstruir o que é assumido como processos de composição e perpetuação do que se assume estabelecido e naturalizado e do que é considerado diferente” (LUCIFORA; REINA, 2018, p.13)



Para Louro (1997), é importante entender que a escola faz parte do processo de ‘naturalidade’ tão fortemente construído na nossa sociedade, e também em outras instituições sociais, como a família, a igreja e a mídia. Esses ‘fatos sociais’ foram se perpetuando ao longo da história como algo ‘natural’ por meio de relações de poder, tornando-se ‘verdades’. Nesse sentido, é importante essa desconstrução social e a problematização desses fatos culturais.



A escola é diversa e tem necessidade de ter um currículo diverso que atenda a toda complexidade pedagógica no espaço escolar.

O currículo, na escola, não pode ser seletivo, excludente ou desigual. A escola precisa ter um currículo que, na sua práxis, fomente a tarefa de incluir, ensinar, respeitar e possibilitar o diálogo como ação pedagógica emancipatória.





A escola é um espaço social de construção de saberes e a Educação Física é uma disciplina curricular que tem como um dos objetivos inserir alunas e alunos no processo de ensino e aprendizagem.



Nas experiências pedagógicas no trato com os conhecimentos nas aulas de Educação Física observa-se a participação menor das alunas em relação aos alunos.



Essa observação traz inquietações para o desenvolvimento da prática pedagógica entre professoras e professores que entendem que a participação é necessária para apreender os conhecimentos trabalhados em aula.



Mas, por que essa menor participação das meninas nas aulas de Educação Física?

Boa pergunta. Isso talvez tenha uma explicação histórica!





Então, vamos analisar o contexto histórico da Educação Física partindo dos estudos de várias autoras e autores.

Jacó; Altmann (2011) e Castellani Filho (1989)

"As práticas pedagógicas na Educação Física foram pautadas em concepções médicas e biológicas respaldadas pela legislação brasileira no intuito de formar homens saudáveis e fortes, assim como mulheres com úteros preparados para a maternidade."

Sousa (1994)

"O currículo separava alunas e alunos; os conhecimentos apreendidos eram diferentes e a formação docente era distinta e separada por sexo."



Então, a formação docente era diferente para as professoras e professores?

Sim, vamos ver o que as autoras dizem!



Sousa  
(1994, p.138)

“[...] embora a maioria dos conhecimentos previstos por esse currículo fosse comum aos dois sexos, aos homens negava-se a aprendizagem da ginástica e do atletismo ‘feminino’ bem como da dança e da rítmica. E às mulheres não se permitia aprender a ginástica e o atletismo ‘masculinos’, o futebol, o judô e o boxe.”

Jacó e  
Altmann  
(2011)

“[...] atividades diferentes eram propostas para homens e mulheres, o que justificava inclusive a separação de turmas femininas e masculinas. A separação de turmas se dava tanto pelas diferenças biológicas que explicavam e justificavam as diferenças nas capacidades físicas e habilidades corporais, como pelo aparato legal que, baseado nestas diferenças, legitimava a ideia de quais atividades eram possíveis para as mulheres e quais deveriam ser estimuladas para cada gênero.”

Castellani  
Filho  
(1988; 1989)

A Legislação proibia a prática de esportes para mulheres.

Decreto Lei n. 3.199, de 14  
de abril de 1941, existente  
até 1979.



Esse decreto acabou reforçando e estabelecendo a ideia generificada de práticas esportivas e corporais, cuja proibição incorporou valores e comportamentos na sociedade da época, criando uma espécie de pacto social.



Equipe do Corinthians de Pelotas, na década de 1950

Foto: Divulgação via Futebol Feminino do Brasil.

Fonte: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulheres-passaram-40-anos-sem-poder-jogar-futebol-no-brasil/>. Acesso em: jul. 2020



Sabe-se que as mulheres, historicamente, no Brasil, foram impedidas ou proibidas, legalmente, de terem contato com esportes, como evidenciam estudos de Castellani Filho (1988), Kunz (1993) e Farias (2012).

Esses argumentos eram respaldados, sobretudo, por um viés biológico que preconizava riscos para a saúde da mulher, especialmente no tocante a sua principal tarefa na sociedade, que era a maternidade.



A distinção ao acesso ao conhecimento gerou aprendizagens desiguais, estimulando a generificação das práticas corporais nas aulas de Educação Física. Essa generificação das práticas corporais capacitou os homens em termos de ganho motor, em detrimento das mulheres.



“O corpo da mulher, reservado ao contexto privado, caracterizado pela graça e fragilidade, não podia ser exposto e submetido a treinamentos e/ou práticas corporais que comprometessem tais características, sob o perigo de desconstruírem padrões de gênero determinados por regimes de verdade instituídos pelas instâncias de poder e controle dos sujeitos” (TORTOLA, 2018, p. 54).



A construção da imagem da mulher reflete a ideia de naturalização, determinada por atitudes femininas, servindo de “[...] anteparo à ideia dominante da superioridade do sexo masculino sobre o feminino”, sem que houvesse o interesse em evidenciar que estava “calcada essencialmente em determinantes socioculturais e não bio-fisiológicos” (CASTELLANI FILHO, 1988, p.59).



Será que essa padronização de feminilidade e masculinidade, assegurada pela legislação brasileira no âmbito esportivo, reforçou, no ideário social e cultural dos sujeitos, comportamentos limitadores nas práticas esportivas corporais?

Esse comportamento criou obstáculos, distinção, exclusão e diferenças no acesso às alunas em sua aprendizagem na Educação Física Escolar?



Para contribuir com esse debate, apresento alguns resultados da pesquisa do professor Gilvan Moreira da Silva, intitulada: “O lugar e o não-lugar das meninas nas aulas de Educação Física: relações de gênero e obstáculos culturais”.



Por meio da pesquisa desenvolvida no chão da escola, encontrei alguns obstáculos culturais que interferem na participação das alunas em aulas de Educação Física que irei compartilhar com vocês no próximo capítulo.



## 2 AFINAL, ALUNAS E ALUNOS PARTICIPAM DE MODO IGUAL?



Olá, gente!!! Nesse capítulo, trago questionamentos que nortearam a pesquisa com alunas e alunos na escola em que leciono. Além disso, apresento alguns diálogos com autoras e autores que fundamentaram a pesquisa.

As alunas foram questionadas acerca de como percebem e avaliam a participação das meninas em aulas de educação física. Vamos ouvir os relatos das alunas!

Acho que a participação das meninas nas aulas é bem menos que a dos meninos, talvez por algumas terem dificuldades e, muitas vezes, vergonha.





Eu não gosto muito de participar, mas a gente acaba vendo no decorrer das aulas outras pessoas jogando e, geralmente, quando vejo assim, na quadra, as meninas estão sempre mais de lado; não sei se é por conta da quadra que não é forrada e as meninas têm aquela dificuldade, mas, as meninas participam bem menos.

A participação das alunas não costuma ser frequente; o número de meninas na Educação Física é bem menor do que a de meninos; normal!.



Percebemos, nas falas das alunas, unanimidade e certa resignação e conformismo diante dessa situação.



A Educação Física, no espaço escolar, não pode naturalizar a menor participação das alunas, pois o conhecer, na Educação Física, perpassa a vivência e as experiências corporais que são necessárias para a aprendizagem qualitativa de ambos os gêneros.

Não podemos negligenciar ou contribuir para a naturalização desses comportamentos que impedem, como diz Paulo Freire (2017), o outro de 'ser mais'.



O 'Ser Mais', para Freire (2017), é o processo de humanização dos seres humanos. Ir contra essa vocação ontológica do ser mais é desumanizar-se. Aceitar situações em que meninas são convencidas da naturalidade de aprendizagem relacionada ao gênero é impedir o direito do outro na busca por igualdade e oportunidade de aprender. É desumanizar-se.

Fernandes e Silva, no estudo 'Ser Mais na Obra de Paulo Freire: relação entre ética, humanismo e técnica', afirmam que:

"[...] No trabalho e nas atividades formativas, seres humanos são coisificados; a leitura não crítica do mundo e a circunscrição da reflexividade os domestifica; e, como não se elimina a capacidade humana de pensar, mitifica-se a realidade ao condicionar um pensar falso sobre esta na medida em que seu falseamento está ligado ao falseamento da consciência desta mesma realidade" (FERNANDES; SILVA, 2017, p. 44).



Uma tarefa necessária à educação de meninas e meninos na sala de aula é desmistificar esses condicionamentos e instigá-las/los a pensarem criticamente.

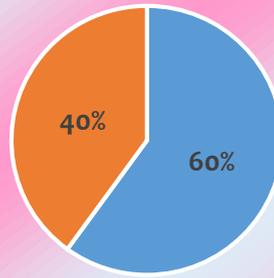
É importante, em aulas de Educação Física, que as alunas se reconheçam como seres históricos e culturais, o que “significa reconhecer que somos seres condicionados, mas não determinados.” (FREIRE, 1996, p. 19)

Implica compreender que esses determinismos culturais e sociais são passíveis de mudança, porém, é necessário que alunas e alunos reflitam como seres de direito e sujeitos da mudança, questionando de que forma esses fatos históricos e culturais acontecem na escola e nas aulas de Educação Física e como levam à manutenção e à reprodução das relações sociais hierarquizadas na sociedade e no espaço escolar, entre mulheres e homens, gerando oportunidades desiguais nesses espaços.

E como as alunas percebem e avaliam a sua participação nas aulas? Vamos aos dados!



## Participação nas aulas de Educação Física



- Afirmaram não ser efetiva a participação
- Afirmaram ser boa a sua participação



Então, vamos ouvir a aluna Alice que faz parte dos 60% das meninas que não têm participação efetiva nas aulas.

Eu fico com vergonha... aquela questão de já enxergar o esporte como algo masculino; também tem a questão de que eu encaro que eu não sei jogar, então, tem certa exclusão por quem sabe jogar; tem esse afastamento por não saber jogar.





A aluna Alice mostra-se incomodada por não saber jogar e não ter habilidade. Compreende o esporte como algo masculino e sente-se excluída por aqueles que dominam os conhecimentos relativos à disciplina Educação Física.

As aulas de Educação Física, como observa Jacó (2012, p.104), sempre foram pautadas por “momentos de demonstração de habilidade e não de aprendizados”, distanciando-se de seu principal objetivo na escola que é ensinar a todas e todos. Essas aulas acabam ressaltando o protagonismo dos meninos, os quais têm acesso a mais experiências corporais e esportivas que as meninas, fora da escola, as quais se assemelham com os conteúdos da Educação Física. Essa experiência dos alunos, fora do ambiente escolar, se não fora tratada pedagogicamente na escola, acaba favorecendo o afastamento ou a diminuição da participação das meninas, as quais se sentem excluídas.

É importante desconstruirmos a ideia da aula pautada em demonstração de habilidades e construirmos aulas em que as diferenças e habilidades de alunas e alunos sejam utilizadas como possibilidades pedagógicas de inclusão, de aprendizagem, de descobertas, de trocas de conhecimentos, e não de disputa ou exclusão.



Vamos ver o relato da aluna Débora, que faz parte do grupo de 40% das alunas que avaliam e percebem a sua participação como boa.



Minha participação é bem considerável. Eu gosto muito de esporte. Eu pratico muito, jogo futebol e vôlei, gosto de luta. Pra mim não tem isso de menina e menino; eu gosto de qualquer esporte.

A sua fala colabora no sentido de entendermos que os condicionamentos sociais e culturais influenciam, mas não determinam nossas escolhas e ações. Vem no sentido de contestar e desconstruir discursos e ideologias fatalistas que tentam convencer mulheres e homens que a realidade social é assim mesmo e que nada podemos fazer, numa espécie de naturalização dos fatos que insistem em apresentar uma realidade imutável e inexorável, produzindo um discurso conformista.



Como nos ensina Freire, nenhuma realidade é assim mesmo; ela está sujeita a nossa mudança, pois, constantemente, “o discurso ideológico nos ameaça de anestesiar a mente, de confundir a curiosidade, de distorcer a percepção dos fatos, das coisas dos acontecimentos” (FREIRE, 1996 p.132). São vários tipos de discursos produzidos ideologicamente, na nossa sociedade, com o intuito rasteiro e vil de diminuição do/a outro/a.



Freire (1996, p.132) ressalta que não podemos escutar sem indignação e discernimento crítico, discursos ideológicos como “O negro é geneticamente inferior ao branco. É uma pena, mas é isso o que a ciência nos diz”. “Em defesa de sua honra, o marido matou a mulher” [...]”.



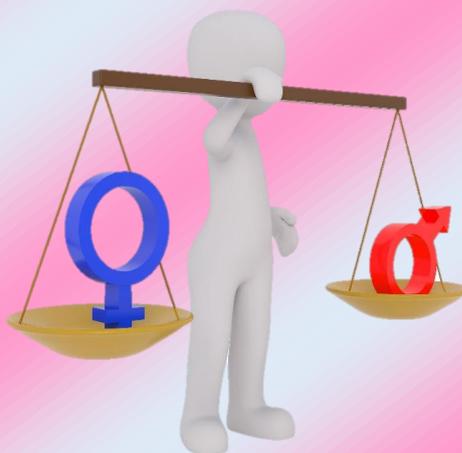
Parafrazeando Freire, é impossível, como professoras e professores, ficarmos indiferentes a discursos como:

‘Lugar de mulher é na cozinha’

‘Menina veste rosa, menino veste azul’

‘Futebol é esporte para homem’

‘Meninos têm mais jeito nos esportes do que as meninas’



‘Mulher deve ganhar menos porque pare’

‘Meninas são mais quietas e meninos são mais agitados’

‘Homem não dança’

Discursos como esses têm caráter de maquiagem, de manter relações de poder, de criar resignação, de perpetuar o fatalismo e de produzir naturalização dos fatos. A criticidade docente é imperiosa para lidar com essas situações que estão no cotidiano das escolas, nas ruas, nas mídias, na política, enfim, na sociedade.



Essa resistência crítica na prática pedagógica é determinante para rompermos pensamentos essencialistas e deterministas que estão no cotidiano dos espaços escolares e nas aulas de Educação Física por meio da afirmação de ‘verdades’ e da nomeação de padrões, comportamentos, gestos e linguagens como algo normatizado, e que, portanto não possa ser questionado ou mudado.



O papel da professora e do professor caminha justamente na desconstrução dessas verdades e no reforço e na contextualização dos discursos, como o da aluna Débora, que vem confrontar discursos historicamente sedimentados na nossa sociedade e recheados de preconceitos que limitam mulheres e homens de ‘serem mais’.

Isso traz alguma preocupação para a sua prática pedagógica ???



Professora e professor, como é a participação das alunas e dos alunos nas suas aulas???

Quais são as suas estratégias pedagógicas para inserir alunas e alunos nas aulas???

Você já pensou acerca desses fatos???



Então, como as alunas e alunos relataram a sua participação nas aulas????

Vamos a alguns dados da pesquisa que desenvolvi !!!



40% das alunas afirmaram ser boa a sua participação

100% dos alunos afirmaram ser boa a sua participação



Eu avalio minha participação boa, porque, desde o ensino fundamental até o ensino médio, sempre participei; nunca fui de boa qualidade, assim, eu admito.

Esse relato mostra que o aluno, mesmo reconhecendo não ter boa desenvoltura nas atividades realizadas em aulas, sempre participava. Nesse caso, a habilidade ou a técnica não foi um fator impeditivo para que o aluno continuasse participando das aulas, embora sua narrativa fosse cercada de certo constrangimento.

Assim, é mister modificar o trato dos conteúdos no processo pedagógico e compreender que conhecer e aprender, nas aulas de Educação Física, é mais amplo e qualificado do que competir ou ser melhor que o outro.

É urgente o entendimento de que mulheres e homens são diferentes, mas que essas diferenças não podem se transformar em impedimentos e obstáculos que geram desigualdades no acesso e nas vivências da cultura corporal de movimento nas aulas de Educação Física, como apontou o resultado





Vamos conhecer quais são os obstáculos e limites que as alunas apontaram que interferem na sua participação em aulas de Educação Física? Vamos aos relatos!!!

Na escola, muitas vezes, ocorre que você está participando, não sabe jogar em determinado esporte... aí seus colegas acabam fazendo piadas e rindo de você, que fica mais fechada. Ou então, pode ser pelo ambiente familiar que fala que menina não joga bola; então, ela não vai querer jogar; pode ser por isso também. A gente está em um país machista. Acaba que a maior parte dos homens acha que a Educação Física e alguns esportes foram feitos para homens. Então, isso acaba sendo um obstáculo para as meninas, até pra poderem participar nas aulas de Educação Física.



Ela elenca o machismo como um dos fatores primordiais para a limitação da participação das alunas em aulas de Educação Física. Ela reforça que vivemos em um país machista, em que homens consideram que a Educação Física e os esportes foram feitos para eles, estabelecendo uma lógica de pertencimento masculino.



“Esse comportamento machista dos alunos em aulas de Educação Física cria uma situação de conflito no espaço pedagógico que impossibilita uma vivência plena nas aulas por parte das alunas e estimula a cultura do preconceito e da discriminação, situação que sugere intervenção de educadoras e educadores no intuito de problematizar, conscientizar e combater práticas e relações segregadoras” (GOMES, SILVA, GOELHER, 2008; KUNZ, 1993).

Silva, Gomes e Goellner (2008, p.400) apontam que “o machismo pós moderno é um novo fenômeno que se alimenta da velha cultura patriarcal e a rediz e inova nos ‘vícios’ e ‘compulsões’ da sociedade pós-tradicional”, permanecendo como um elemento de controle social numa cultura que ainda se faz sexista.



A influência da família ao disseminar discursos preconcebidos como menina não joga bola, também foi ressaltado por Beatriz. Esse discurso amplia concepções ideológicas distorcidas, que reforçam tabus e contribuem para manter relações de poder.

E como os alunos compreendem esses obstáculos e limites em relação às meninas?

Que tal ouvir o aluno Breno?





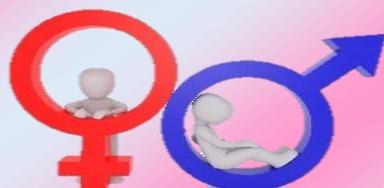
Eu acho que é mais o preconceito e o machismo, porque muitos falam do sexo frágil, que as meninas não conseguem, não tem aquela força física que o menino tem, e algumas meninas ficam meio com trauma de participar e acabam que deixam de lado, e não querem participar mesmo.

Os alunos, de certa maneira, têm compreensão desses preconceitos e discriminações que ocorrem em aulas de Educação Física no espaço escolar, embora, por vezes, de forma limitada, como foi retratado por Breno.

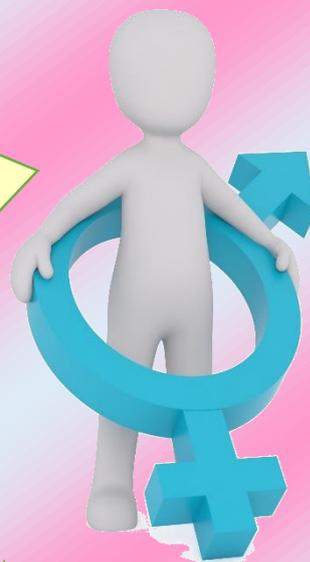


O aluno aponta o machismo, o entendimento da mulher como sexo frágil pela maioria dos colegas e ressalta a força física como algo relevante para a permanência dos alunos nas aulas e o afastamento das alunas.

Tal concepção da mulher como 'sexo frágil', como abordam Furlan, Santos (2009), Oliveira (2011), Altmann, Sousa (1999) e Kunz (1993), concebe sua imagem como reprodutora, com participação social reduzida à esfera doméstica, com obrigação apenas de cuidar da casa e dos filhos e ser protegida e provida pelo marido, construindo uma imagem de mulher frágil que não pode se exercitar de forma intensa para não atrapalhar a sua principal função, que é gerar filhos.



É importante observar que, mesmo que a mulher prove o seu potencial em todas as áreas, inclusive em esportes olímpicos, ainda existe discriminação, opressão e preconceito nas relações de gênero, na escola e na sociedade, pautados em uma cultura machista e patriarcal. Desconstruir essa cultura da exclusão e da desigualdade e estabelecer uma cultura da equidade e do respeito mútuo são caminhos para novas possibilidades pedagógicas em aulas de Educação Física (Oliveira, 2011).



O aluno também fala da força física como obstáculos para a participação das alunas.

Santos (2008) No trabalho intitulado *O gênero na escola: a Educação Física em questão* destaca que a diferença de força física e de interesses entre meninas e meninos seria um dos fatores que geraria conflitos entre eles nas aulas de Educação Física.



O autor faz crítica às concepções que são trabalhadas na escola, orientadas por princípios que se utilizam de método esportivo profissional e que estimulam a competitividade e a concorrência entre alunas e alunos. Afirma, ainda, que se a finalidade da Educação Física não é a concorrência, as diferenças da força física não podem se constituir em elemento significativo da aprendizagem. Segundo o autor, a força física não teria papel determinante de exclusão de alunas no processo de ensino e aprendizagem, e sim, seria apenas mais uma possibilidade de trabalhar com diferenças no espaço escolar.

Mas, ensinar não seria uma forma de reconhecer diferenças no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física????



Como afirma Darido, “reconhecê-las e trabalhar para não transformá-las em desvantagem é papel de todo educador” (DARIDO, 2005, p.108).

O entendimento das diferenças podem ser potência pedagógica para mudarmos dadas concepções na Educação Física Escolar, pautadas historicamente por princípios que estimulam a disputa entre as alunas e alunos, gerando competitividade originária dos esportes de alto rendimento, algo que não condiz com uma prática educacional desenvolvida em um espaço escolar pautada na inclusão, na equidade, no respeito e na oportunidade do aprender.

Isso significa reavaliar a prática docente no intuito de criar possibilidades pedagógicas que incluam o diferente e as várias formas de enxergar as diferenças, sejam elas relacionadas a gênero, habilidade motora, classe social, etnia ou raça.

Um dado importante da pesquisa foi: Se as relações de gênero estabelecidas em aulas de Educação Física interferem no desempenho escolar das meninas, diminuindo sua participação?



60% dos alunos entendem que não interferem na participação e no desempenho escolar.

90% das alunas entendem que interferem na participação e no desempenho escolar.

Que tal ouvirmos alguns depoimentos ???



Acredito que sim, porque tem aquela questão de que já é enraizado na gente, que alguns esportes são pra meninos e outros são para as meninas e, então, já tem aquela inibição... ah, eu não vou jogar, não vou participar porque é um esporte pra menino. E então, já tem essa inibição, principalmente por causa do gênero.

Na fala de Alice fica evidente a generificação do esporte como um dos obstáculos que dificulta a convivência, a participação e a aprendizagem nas aulas. Como ela reconhece, há esportes que, historicamente, foram designados para meninas e outros para meninos.





Tal entendimento parece estar enraizado no seu pensamento e na sua cultura. A problematização desse entendimento que algumas alunas têm sobre o pertencimento de dadas práticas corporais a determinado gênero é fundamental no intuito de desconstruirmos ideias pré-concebidas e cristalizadas.



O exercício da dúvida, na escola, é essencial para problematizarmos conhecimentos tidos como ‘verdade’ por meio da naturalização social e da tradição. Compreender a escola em seu papel formador, questionador de ‘naturalizações sociais’ que intensificam o preconceito, é necessidade política da professora e do professor no intuito de romper com uma pedagogia que transforma diferenças em desigualdades e reforça discriminações.

Interfere, porque muitas pessoas, principalmente as próprias meninas que gostam, ficam defendendo que têm que acabar com esse negócio de machismo, que o lugar da mulher é onde ela quiser. Mas, querendo ou não, é um fator natural do próprio ser humano. As mulheres são assim, não exatamente mais fracas, mas o homem tem mais resistência. A mulher tem um seio que ela pode levar uma bolada, pode machucar; a menina não tem tanta agilidade. Os meninos são mais brutos e podem acabar machucando.



Os argumentos de Clara também são pautados em pensamentos essencialistas que reforçam a naturalização de atitudes e comportamentos que estabelecem papéis sociais predeterminados para alunas e alunos. As afirmações utilizadas pela aluna, que o homem tem mais resistência, que as meninas não têm tanta agilidade e que os meninos são mais brutos, estão presentes no ambiente escolar e na sociedade, naturalização que é intencional e ideológica.



Maria Cláudia Dal'Igna (2007), no trabalho intitulado *Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença?*, aponta ser importante questionar a naturalidade e a universalidade das normas atribuídas ao conhecimento, haja vista que essa maneira pode justificar diferenças de rendimentos entre meninas e meninos, contribuindo para a naturalização de habilidades como femininas e/ou masculinas.

A pesquisadora ressalta que existem diferentes modos de descrever os desempenhos na escola e que são utilizados mecanismos de naturalização, essencialização e dicotomização para justificar as diferenças de desempenhos entre meninas e meninos no que diz respeito a comportamentos e conhecimentos. Segundo autora, “na medida em que as normas não são problematizadas, elas funcionam para produzir e reiterar noções de masculinidade e feminilidade” (DAL’LGNA, 2007, p.248).



As meninas se sentem meio que pressionadas a seguir um padrão que os meninos impõem, e é devido a essas relações de gêneros que os meninos falam que elas são sexo frágil, e que não têm habilidade, ou então, muitas vezes, pelo porte físico.

O aluno observa que as meninas se sentem pressionadas a seguir o padrão imposto pelos meninos e, a partir dele, analisa-se e avalia-se seu desempenho e sua participação.



A padronização de aprendizagens, comportamentos, atitudes e valores, partindo da ótica masculina, cria um parâmetro injusto para avaliarmos o desempenho escolar das alunas, e pode gerar exclusão nas aulas de Educação Física. Repensar nossas ações no campo pedagógico e constituir novas relações de aprendizagem é algo fundamental para entendermos o currículo como cultural e mutável, a ser discutido e refletido no espaço escolar.



Pode melhorar, dependendo do ponto de vista de alguns garotos. Pode dar certa confiança a menina ver que não é o jogo só de menino ou menina e que elas também têm potencial igual a eles. Também têm meninas melhores que os homens. Todo mundo pode ter seu potencial.



O aluno aponta para a mudança de visão que pode transformar esse espaço em um lugar coletivo de aprendizagem, tanto para as meninas quanto para os meninos. O aluno não enxerga as relações de gênero como um empecilho para o desempenho das meninas nas aulas, mas compreende como necessidade uma mudança na visão dos alunos em relação às alunas.

“As relações de gênero estão imbricadas com as relações de poder que revelam conflitos e contradições na sociedade” (ALMEIDA, 2011).

### 3 A FAMÍLIA INFLUENCIA NA FORMA COMO AS ALUNAS E ALUNOS PENSAM?

Tratar esse tema de forma crítica e reflexiva no espaço escolar constitui um passo seguro para estabelecermos diálogos que irão desvelar essas realidades e desconstruir relações pautadas na desigualdade.



A maneira como a família participa na formação dos filhas e filhos influencia na participação delas e deles em aulas de Educação Física?

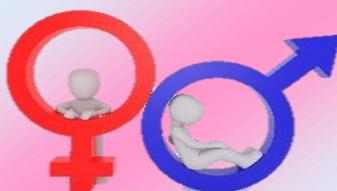
Penso que sim!!



Acho que não!!



A família, como instituição social, participa no processo de formação e educação cultural das pessoas. Esse processo de formação que acontece na família é dinâmico, contínuo e inacabado. A família produz, no seu bojo, conceitos, valores, atitudes e comportamentos que são atribuídos a mulheres e homens. A família, como espaço social e cultural, é atravessada pelas relações de gênero que instituem modelos de feminilidade e masculinidade. Tais modelos são construídos por meio das relações de poder que acontecem, inclusive, nesse espaço social e cultural.



Ao compreendermos esse caráter formador da família, questionamos alunas e alunos se a educação recebida na família impõe dificuldades na participação das alunas em aulas de Educação Física.



Vamos para aos depoimentos!!!



Sim, é justamente a família que passa esses estereótipos de que certo jogo é pra menina, outro pra menino; justamente a família que vincula esse tipo de informação.

Sim, o menino nem tanto, agora, para as meninas, têm algumas famílias muito conservadoras que acabam impondo alguns limites para as meninas.





Sim, porque tem família que educa mais a menina pra ficar ali quieta, no canto, não participar, não ter contato com os meninos; são mais cuidadas. Já os meninos podem, já são mais livres, participam mais, já podem. Acho que influencia.

Impõe, pois depende muito de como o pai educa seu filho. Se ele educa a praticar esportes, fazer qualquer atividades, quando ele chegar em um ambiente escolar ele não vai ter receio, não vai ter vergonha. Mas se ele falar com a menina ficar mais dentro de casa, criar ela mais fora do ambiente de esportes, quando chegar na escola que for praticar esportes, alguma atividade física, vai ter dificuldade, ter vergonha em praticar.





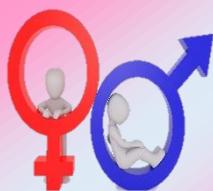
Sim, porque já vi acontecendo pais não deixarem a menina brincar de bola porque é de menino, sempre com aquela ideologia: menina é baleado e Barbie. Querendo ou não, a menina vai crescendo com a ideia na cabeça, e com o tempo vai buscando sua própria ideologia do que é certo e errado pra ela, mas influencia bastante, porque ela cresce com aquilo.

Sim, vem de família, isso; até o próprio preconceito vem de família. É muito comum as mães já passarem isso para as meninas que, desde pequenas, não devem tá jogando bola, não devem tá brincando com menino. Então, acho, interfere nisso aí.



Observam-se nas falas pontos que marcam distinções de gênero no que se refere ao comportamento e a atitudes relacionados à vivência das práticas corporais que são apreçados pela família. Nesses discursos, nota-se a generificação e a normatização das práticas corporais e/ou esportivas presentes em concepções que relacionam menino ao futebol e menina ao baleado e à Barbie, que preconizam a normatização de comportamentos em que meninas são mais quietas e meninos livres, bem como a proibição das meninas em vivências como o futebol.





Desconstruir esse pensamento de representação binária do gênero é importante, pois esse pensamento limita o repertório corporal de alunas e alunos, disseminando padrões de comportamentos como 'certo' ou 'errado' ou determinando que certas coisas são para meninas ou meninos. É importante ressaltar que tanto as meninas quanto os meninos podem aprender coisas diferentes, e que ambos podem se ajudar em diversas atividades, sejam elas atividades esportivas ou não, e que essa oposição binária pode ser desconstruída.

Para ampliar esse olhar em relação à participação da família na formação das filhas e filhos, outro questionamento, nessa mesma linha, foi feito a alunas e alunos e diz respeito à educação recebida no ambiente familiar e à participação das alunas em aulas de Educação Física, ressaltando, porém, o contato físico entre elas e eles.

Isso se deu em função de que as atividades da cultura corporal, em aulas de Educação Física Escolar, envolvem contato físico entre alunas e alunos.

A pergunta foi formulada da seguinte forma: em sua opinião, a educação recebida no ambiente familiar impõe alguma dificuldade à participação das meninas em atividades que envolvam contato físico com os meninos?





Sim, também tem essa questão. Muitos pais são super protetores; acham que por ter o contato físico já vai ter aquela questão do assédio, alguma coisa a mais. Aí já aconselham a filha a não participar daquilo, por medo de acontecer alguma coisa, porque a menina é vista como algo que precisa ser mais protegida.

Sim, em minha opinião não acho nada demais. Mas você geralmente, no ambiente escolar, já tem contato com meninos e com meninas. Então não teria diferença se fosse praticar um esporte. Mas têm pais que acham que se você tem mais intimidade vai influenciar você fazer outras coisas, a ter muito contato.





Sim, devido a essa super proteção. Acredito que quando há meninos, que os pais devem achar que os meninos... eles são mais fortes, que, com isso, podem estar, de certa forma, entrando em contato físico com suas filhas e pode acontecer alguma lesão, algo que possa machucá-las e prejudicá-las.

Acredito que sim, pois, alguns pais, por serem muitos ciumentos e conservadores, meio que não deixam as meninas terem o contato da atividade física, como o jiu jitsu (esses esportes que têm mais contatos com meninos), por acharem que vai ter alguma desconfiança, por ter algum abuso. E vão pondo isso na cabeça, desde pequenas, e elas vão crescendo com essa ideia de que esse ambiente de atividade física de luta não é pra meninas. Eu acredito que isso vem mudando e melhorando a atuação das meninas, vem melhorando muito no esporte, mas ainda é uma coisa que é a realidade no Brasil.





Acho que sim, até por experiência própria. Eu faço Jiu Jitsu... é muito contato. Aí tem pai que ainda fica com medo, acha que é normal o menino se machucar e a menina não e, então, interfere bastante.

Nota-se nas falas das alunas e dos alunos a idealização naturalizada da família em relação ao comportamento e à participação das alunas em atividades corporais que envolvem contato físico, pois a menina é vista como algo que deve ser protegida, reforçando o elo da mulher ao sexo frágil.

Diversas falas acentuam o medo de a mulher se machucar e passam a ideia da família como entidade superprotetora.

Esse tipo de pensamento levanta um questionamento: será que é superproteção ou disseminação da cultura machista?

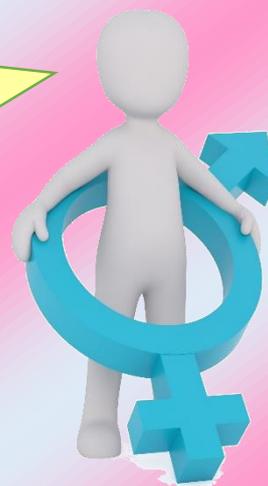




Apesar de não buscarmos uma resposta em si, a questão nos leva a pensar como essas relações são estabelecidas e construídas, envolvendo a família, a participação das alunas, as aulas de Educação Física e a escola.

Daolio (1995) e Jacó (2012), em seus estudos, demonstram que as influências culturais e os modos diferenciados pelos quais meninas e meninos são tratados pela família refletem em sua participação nas aulas de Educação Física.

O autor e a autora ressaltam a importância do incentivo da família nesse processo e na contribuição da aprendizagem das meninas e meninos em aulas de Educação Física. Porém, é importante romper com certas normas que estão apoiadas em conceitos tradicionais que determinam o gênero e as representações de feminilidade e masculinidade no espaço familiar.



A família, como instituição social e cultural, é um espaço aberto à possibilidade de mudanças, e essa relação entre família, escola e participação das alunas em aulas de Educação Física precisa ser refletida e debatida para o desencadear de ações que promovam oportunidades iguais para meninas e meninos.



Nesse sentido, o objetivo é desconstruir processos apoiados em ideias deterministas que estruturam a constituição do feminino e do masculino e que tendem a naturalizá-los, tratá-los como universais e imutáveis, mantendo uma estrutura de dominação, de hierarquia e desigualdade nesse espaço. Contudo, olhar para a escola é crucial, pois ela é o segundo espaço, depois da família, responsável pela formação de meninos e meninas.

Problematizar as relações de gênero no espaço escolar coloca-se como estratégia didática questionadora de padrões predeterminados por meio da ótica masculina. Criar e estabelecer novas práticas pedagógicas, diversificar os conteúdos e reavaliar o processo de ensino e aprendizagem são meios necessários para mudanças no espaço escolar e nas aulas de Educação Física, que rompam com padrões hegemônicos deformadores. O poder não é algo que pertence a uma pessoa ou a um grupo social, mas algo que é exercido nas relações sociais. Estabelecer novas relações de gênero e poder no espaço escolar é necessário para criarmos um currículo e um lugar mais democrático.

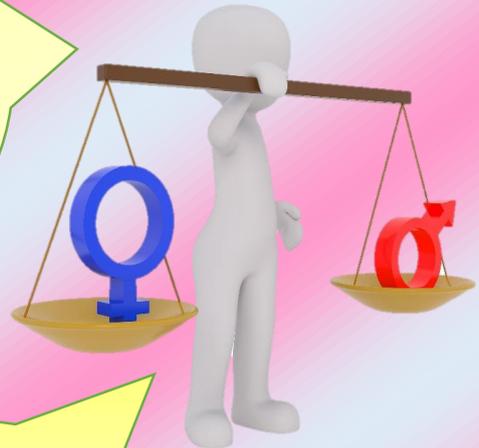


De acordo com Souza (2007, p.32), “[...] o lugar social das mulheres sempre foi definido em oposição ao lugar social dos homens”, apoiado numa lógica binária que percebe a superioridade de um sexo em detrimento do outro. Como historicamente esse espaço na escola é dominado pelos homens, as aulas de Educação Física, para as mulheres, torna-se o ‘não lugar’. Nesse sentido, conhecer nosso ‘lugar’ é de suma importância, pois ele é recheado de características, intencionalidades e singularidades.



O termo lugar é composto de várias definições. Para Carlos (2007), lugar é todo espaço onde há relações de vivências, troca de sentimentos, como uma rua, um bairro, entre outros. O autor afirma que o lugar guarda em si, e não fora dele, o seu significado, podendo ser apreendido pela memória, por meio dos sentidos e do corpo.

A escola, como um lugar, torna-se social e interativa, no sentido que deverá oportunizar situações que gerem conhecimento e aprendizagem.



“No entanto, historicamente, as meninas, nas aulas de Educação Física, foram impedidas de participar de práticas corporais na escola, limitadas por pensamentos com viés biológico e esportivo que associam mulher a ser frágil, emotivo e maternal” (SOUSA, 1994; CASTELLANI FILHO, 1998).

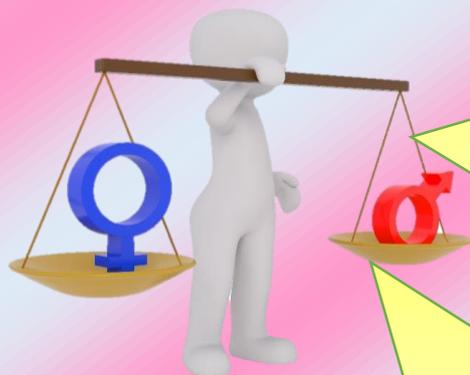


Turma feminina do Grupo Escolar Doutor Cardoso de Almeida, na cidade de Botucatu (SP), em 1933. Fonte: Disponível em: <https://docplayer.com.br/42532601-Do-saber-25197col06-manual-do-professor-historia-francisco-m-p-teixeira-e-rosaly-braga-chianca-historia-ano.html>. Acesso em: jul. 2020.

Nas escolas brasileiras, havia separação de currículos. Os homens aprendiam os cálculos e as habilidades físicas; as mulheres aprendiam conhecimentos relacionados ao lar e à maternidade. Era uma educação de exclusão (SOUSA, 1994). Nesse contexto histórico é que se percebem as relações de poder e a diferenciação dos lugares e papéis de homens e mulheres.



Alunos da Escola Caetano de Campos, em São Paulo, em 1905| Foto: Escola Estadual Caetano de Campos". Fonte: Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-historia-da-educacao-no-brasil-uma-longa-jornada-rumo-a-universalizacao-84npcihyra8y2s2j8nnqn8d91/>. Acesso em: jul.2020.



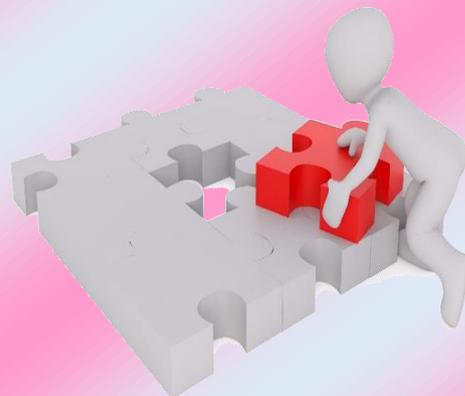
Podemos observar que as aulas de Educação Física, para as meninas, torna-se um 'não lugar', sobretudo por sua não-identidade e por seu não reconhecimento, fazendo com que elas participem menos das aulas.

O resultado da pesquisa demonstrou essa realidade por meio dos obstáculos culturais construídos socialmente e que foram identificados como:



Todos esses obstáculos estão fundamentados numa lógica de oposição binária. Assim, transformar o ambiente escolar e as aulas de Educação Física em um 'lugar das mulheres' é uma tarefa política e pedagógica de toda educadora e educador orientados por uma dimensão democrática que visualize o espaço escolar como um lugar de equidade e de mudança social.

NÓS  
PO  
DE  
MOS



Na minha pesquisa, encontrei esses obstáculos que interferem na participação das alunas em aulas de Educação Física.



E vocês, nas suas aulas de Educação Física: quais os obstáculos que interferem na participação das alunas???



## 4 CANTINHO DO GÊNERO

É importante estabelecer novas relações de gênero no espaço escolar, (re)significar práticas pedagógicas, diversificar formas e modos de abordar certos conteúdos na escola, reavaliar o processo de ensino e aprendizagem, problematizar as relações de poder, respeitar as diferenças e os diferentes, diversificar o currículo e construir práticas democráticas como possibilidade pedagógica.



Gostei muito do tema!  
Como posso trazer essas discussões para a minha prática pedagógica, apropriar-me de materiais e incorporá-los no meu planejamento?

Então, criamos no caderno pedagógico o 'cantinho do gênero' que traz sugestões de atividades, filmes, documentários, referências, charges e tirinhas que poderão auxiliar professoras e professores a compreenderem o tema e a adaptarem as sugestões a sua realidade.



**SUGESTÕES DE  
ATIVIDADES  
PEDAGÓGICAS!**



## ATIVIDADE 1<sup>1</sup>

### A Música e a Construção das Relações de Gênero

**“[...] Eduardo e Mônica eram nada parecidos  
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis  
Ela fazia Medicina e falava alemão  
E ele ainda nas aulinhas de Inglês  
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus  
De Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud  
E o Eduardo gostava de novela  
E jogava futebol-de-botão com seu avó  
Ela falava coisas sobre o Planalto Central  
Também magia e meditação  
E o Eduardo ainda tava no esquema “escola, cinema  
clube, televisão [...]”  
Recorte da música Eduardo e Mônica – Renato Russo**



1. Analise a letra da música “Eduardo e Mônica”, de Renato Russo, com alunas e alunos. Faça questionamentos acerca da construção social do feminino e do masculino que aparece na canção. Discuta com elas e eles:

- ☺ Eduardo e Mônica são descritos na letra como opostos?
- ☺ Como o feminino e o masculino são identificados na música?
- ☺ Que construções e simbologias aparecem nessa dualidade?

2. Aqui há uma inversão: para ser mulher não é preciso inverter o modo de ser como o homem. Contudo, fazer Medicina e Inglês é tanto para homens quanto para mulheres. As atividades não têm sexo.

3. Agora, peça para alunas e alunos pesquisarem outras músicas que retratem os papéis femininos e masculinos construídos em nossa sociedade.

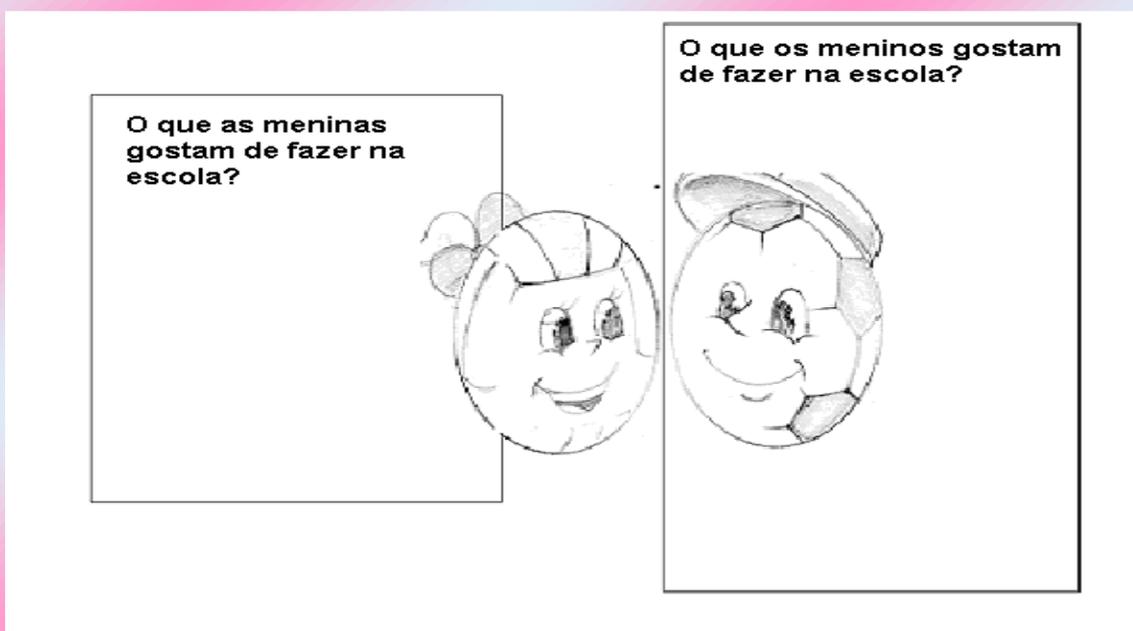
---

<sup>1</sup> Atividade retirada do caderno pedagógico: Meninos e meninas: a (in)diferença nas aulas mistas de Educação Física de Solange Betinardi (2008).

## ATIVIDADE 2<sup>2</sup>

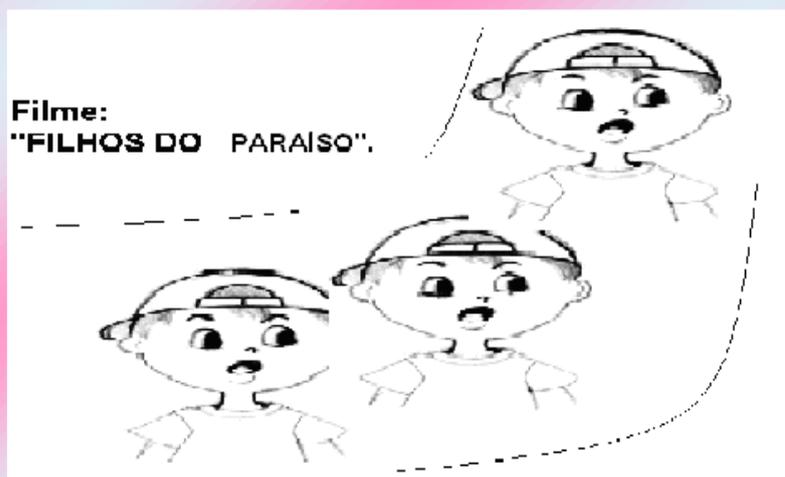
### A Escola é Nossa!

- ☺ Organize a sala em seis grupos mistos.
- ☺ Cada grupo terá que descrever o que mais gosta de fazer na escola. Os grupos mistos farão a descrição em quadros separados: o que as meninas gostam e o que os meninos gostam.
- ☺ Peça para os/as alunos/as apresentarem as discussões no grande grupo.
- ☺ Problematize com alunas e alunos se existe diferença na preferência de meninos e meninas, quanto à escola, e se estas diferenças são significativas.
- ☺ Discutir e desfazer as construções binárias do “gostar” feminino e do “gostar” masculino.
- ☺ Junte as ideias, divida a turma em dois grupos – meninos e meninas – e construa com os/as alunos o “RAP da Escola”.



<sup>2</sup> Atividade retirada do caderno pedagógico: meninos e meninas: a (in)diferença nas aulas mistas de Educação Física, de Betinardi (2008).

### ATIVIDADE 3<sup>3</sup>



*“Você já não é mais uma criança, tem 9 anos”, diz o pai ao garoto.*

*“Na sua idade, eu já ajudava meus pais”, completa ele.*

#### ***Diálogo do filme “Filhos do Paraíso”***

O filme traz uma história simples, sutil e comovente que enaltece a pureza e o companheirismo. Ali é uma criança iraniana pobre que, apesar de ter apenas 9 anos, mal pode brincar porque já é obrigado pelo pai a trabalhar para ajudar a família. Apesar disso, não abandona a escola, onde é um dos melhores alunos. Tudo se complica quando Ali perde os sapatos da irmã, Zahra, que estavam sendo restaurados e pede a ela para não contar aos pais. Ambos passam a dividir o tênis que pertencia a Ali, para poderem ir à escola. Esta situação resulta numa série de percalços e aventuras. Ali espera todo dia sua irmã chegar da escola para pegar o tênis e ir estudar. Ele enxerga uma esperança numa competição de atletismo que a sua escola vai promover, cujo prêmio, para o terceiro lugar, é um par de tênis.

---

<sup>3</sup> Atividade retirada do caderno pedagógico: meninos e meninas: a (in)diferença nas aulas mistas de Educação Física, de Betinardi (2008).

Vamos trabalhar!

1-Assista com os seus alunos um recorte do filme “Filhos do Paraíso”.

2-Depois assistir ao filme, problematize as seguintes questões:

- ☺ Como era a relação entre os irmãos e seus pais?
- ☺ Que representações culturais circulam no contexto do filme?
- ☺ Homens e mulheres são reconhecidos da mesma maneira? Que relações de gênero podem ser descritas?
- ☺ Como era a escola que os irmãos estudavam? Ela era mista, como a nossa?
- ☺ Como eram as aulas de Educação Física? Eram iguais para meninos e meninas?
- ☺ Existem desigualdades sociais no filme? Se sim, em quais cenas essas desigualdades se concretizam?
- ☺ O fim prematuro da infância é retratado no filme?

3. Leve os alunos à sala de informática e proponha uma pesquisa na internet: **Quais são os esportes mais praticados no Irã e como eles se estendem às mulheres?**



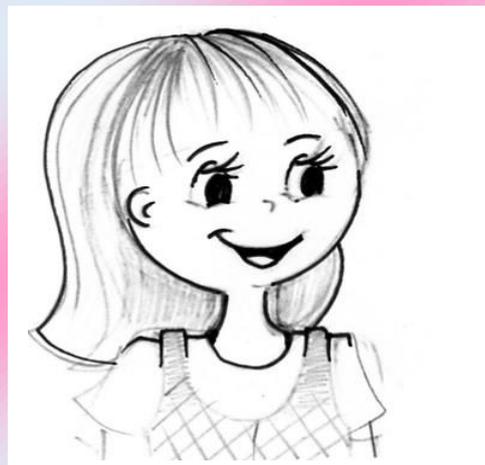
## ATIVIDADE 4<sup>4</sup>

### Sou ComportadA ou bagunceirO?

#### A escola generificada

As meninas e os meninos, em 1970, eram classificadas na escola como<sup>5</sup>:

- . Tranquilas, dóceis.
- . Disciplinadas e obedientes.
- . Metódicas e cuidadosas, perseverantes.
- . Arrumadas.
- . Dependentes do conceito da professora, pedem aprovação e ajuda com frequência.
- . Choronas e emotivas.
- . Comportadas no recreio.
- . Fazem as tarefas.
- . Trazem o material escolar.



- . Dinâmicos, barulhentos e agressivos.
- . Indisciplinados e desobedientes.
- . Negligentes, não são aplicados.
- . Escrevem devagar, são desarrumados.
- . Autônomos, não dependem, de aprovação ou auxílio.
- . Seguros, não choram com facilidade.
- . São solidários com outros do mesmo sexo.
- . São os donos do recreio.

<sup>4</sup> Atividade retirada e adaptada do caderno pedagógico Meninos e meninas: a (in)diferença nas aulas mistas de Educação Física, de Betinardi (2008).

<sup>5</sup> Daniela Auad (2006) cita em *Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola*, que há um livro considerado clássico sobre educação e diferenças de comportamento entre meninos e meninas. Ele se chama *O descondicionamento da mulher: educar para a submissão*, escrito pela italiana Elena Belloti. Ao valer-se da pesquisa, ela obteve a descrição de determinado padrão acerca do masculino e do feminino à época.



Quem reclama da lição de casa?

Meninos para a direita e meninas para a esquerda?

O espaço do recreio é ocupado pelos meninos e as meninas de maneira igual?

Quem tem o caderno mais organizado/a?

O currículo é sexista?

As meninas têm as melhores notas?

Os meninos são melhores nas aulas de Educação Física?

A linguagem adotada pela escola é masculina?

1. A partir das discussões por meio de: “Escola Generificada”, filme “Filhos do Paraíso” e quadros apresentados anteriormente (“As meninas e os meninos em 1970 eram classificados na escola como...”), problematize com os alunos:

**É possível classificar o comportamento das meninas e dos meninos, na escola, como foi realizado pela escritora italiana Elena Belloti, em 1970?**

2. Dividir os alunos em grupos mistos e construir os quadros:

☺ As meninas na escola e nas aulas de Educação Física são:

---

☺ Os meninos na escola e nas aulas de Educação Física são:

---

3. Apresentar os quadros aos colegas e discutir.

**Por que meninos e meninas se comportam na escola e nas aulas de Educação Física de maneira diferente? Como podemos desfazer estas construções?**

As meninas na escola:

---

As meninas nas aulas de

Educação Física:

---

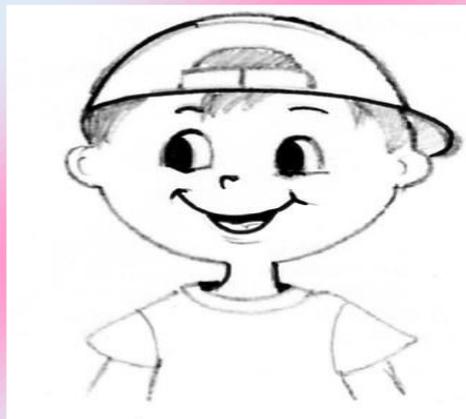
Os meninos na escola:

---

Os meninos nas aulas de

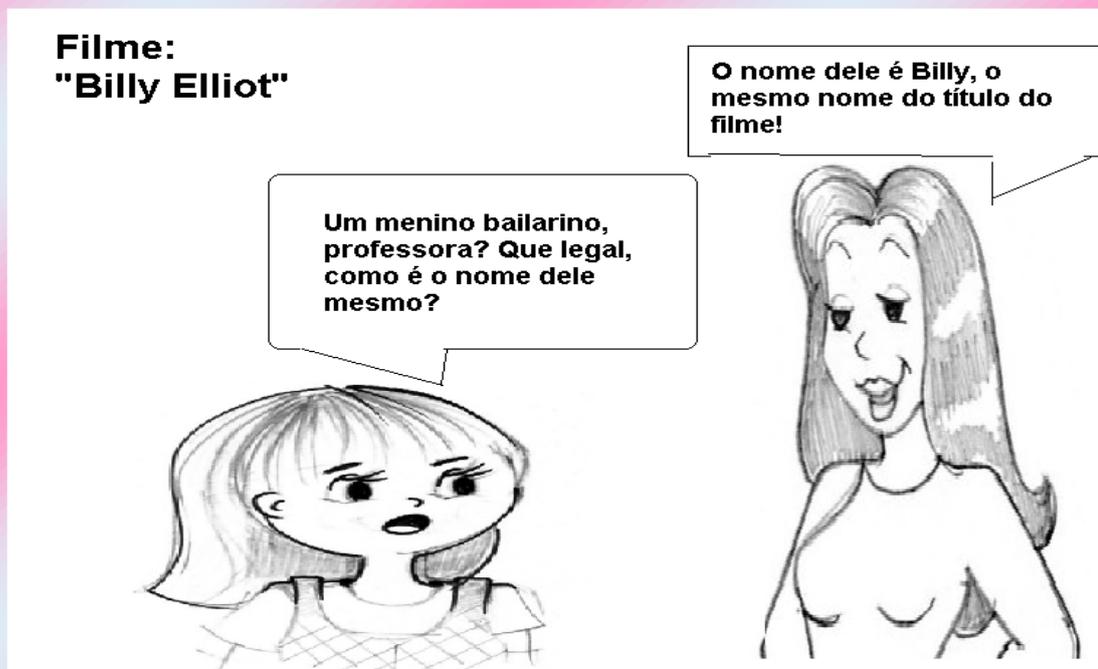
Educação Física:

---



## ATIVIDADE 5<sup>6</sup>

### Vamos dançar?



**Pai – Balé?**

**Billy – Qual é o problema com o balé? [...]**

**Avó – Eu costumava ir ao balé.**

**Billy – Viu?**

**Pai – Para a sua avó, para as meninas.**

**Não para os rapazes, Billy. Rapazes jogam futebol, lutam boxe ou luta livre, não essa droga de balé! [...]**

**Billy – Não vejo o que isso tem de errado. Balé não é coisa de “viado”.**

Trecho do diálogo do filme *Billy Eliot* (fonte?).

O filme em questão se passa em 1984, na pequena cidade de Durham Coalfield, localizada no nordeste da Inglaterra. Billy, filho de um líder sindical dos mineradores de carvão, é o personagem central da trama. Mora com sua avó e seu irmão mais velho, além

<sup>6</sup> Atividade retirada do caderno pedagógico *Meninos e meninas: a (in)diferença nas aulas mistas de Educação Física*, de Betinardi (2008).

do pai, em uma pequena casa na vila dos mineradores. Sua mãe, já falecida, é lembrada constantemente nos objetos e diálogos do filme.

O personagem abandona as luvas de boxe para aprender a dançar balé clássico, e passa a vislumbrar um universo diferente do que vivia.

O balé é uma oposição à representação dominante do masculino. No diálogo, o pai de Billy concretiza essa significação ao relacionar o balé à homossexualidade e ao classificar a atividade como não “apropriada” para os homens.

Vamos trabalhar um pouco!

1. Assista com suas/seus alunas/os um recorte do filme *Billy Eliot*.
2. Após assistir ao filme, problematize as seguintes questões:
  - ☺ Que representações culturais circulam no contexto do filme?
  - ☺ As diferenças e desigualdades entre homens e mulheres são construídas pelo social ou são biologicamente determinadas?
  - ☺ O mundo do balé se opõe à representação do masculino no filme? Este mundo está relacionado à homossexualidade? Por quê? Como Billy vê esta questão?
  - ☺ A escolha de Billy em ser um bailarino foi “tranquila”, livre e sem sofrimento? Por quê?
  - ☺ Podemos trabalhar a dança nas aulas de Educação Física? De que forma? Que ritmos? Nessa ação pedagógica, podemos encontrar problemas? Todas/os os/as alunos/as participam? Por quê? Os meninos apresentam mais dificuldade? As meninas os auxiliam nessa dificuldade?
3. Vamos dançar:
  - ☺ Organize com as/os alunas/os uma aula de dança.
  - ☺ Descubra os ritmos preferidos, as músicas e o gosto da turma.
  - ☺ Comece o trabalho partindo do que elas/es gostam e conhecem.
  - ☺ Problematize por que eles gostam atualmente deste ou daquele ritmo.

- ☺ Discuta a influência da mídia em relação ao consumo desses ritmos musicais e das formas de expressão da dança.
4. A partir dessas discussões, proponha aos alunos o aprendizado de novos ritmos: samba, roque, axé, folclórico, baião, frevo, etc<sup>7</sup>.
  5. Ao final das atividades, problematize novamente as questões discutidas anteriormente.
  6. Peça para as/os alunas/os pesquisarem em casa quais são os ritmos que os pais e as mães conhecem e gostam de dançar, de modo a organizarem conhecimentos com dança no seu cotidiano.



---

<sup>7</sup> O Livro Didático Público – Educação Física, traz um capítulo chamado *Hip Hop: movimento de resistência ou de consumo?*, de autoria de Cintia Müller Augulski, Mario Cerdeira Fidalgo e Rodrigo Tramutolo Navarro, que será utilizado para referendar essa atividade.

## ATIVIDADE 6<sup>8</sup>

### Assistir e analisar um vídeo

#### *Invisible Players – Jogadoras invisíveis*

Essa atividade tem o intuito de mostrar uma campanha publicitária para alunas e alunos, levada ao ar pelos canais da ESPN, no dia 08 de março de 2016 (em comemoração ao dia internacional da mulher), que marcava o lançamento do portal **EspnW**, que se trata de uma plataforma digital esportiva com foco no público feminino.

O lançamento veiculou um comercial intitulado *Invisible Players – Jogadoras invisíveis*, (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>), que apresentou o resultado de um pequeno experimento, no qual diversas pessoas deveriam se referir aos principais ídolos esportivos a partir da exibição de imagens da silhueta de atletas do futebol, do basquete e do surfe, nas quais não era possível distinguir as pessoas, como você pôde ver no vídeo.

#### Atividade

- ☺ Perguntar para as alunas e alunos, antes de passar o vídeo, se elas e eles adivinham quem são esses supostos atletas?
- ☺ Discutir com as alunas e alunos quais foram as suas percepções em relação aos resultados?
- ☺ Ficou decepcionado com o resultado da sua escolha?
- ☺ Vocês poderiam explicar o porquê das suas escolhas?
- ☺ Por que pensaram que fossem esses atletas?
- ☺ Por que as mulheres atletas têm dificuldades de serem reconhecidas na prática esportiva?
- ☺ Separar alunas e alunos em 5 ou 6 grupos para pesquisar em relação à visibilidade de homens e mulheres atletas na mídia, em vários esportes, salários e reconhecimento social. Apresentar em forma de seminário os resultados da pesquisa.

---

<sup>8</sup> Atividade adaptada da disciplina Problemáticas da Educação Física do mestrado profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF).

## ATIVIDADE 7<sup>9</sup>

### Caça manchetes de gênero nas práticas corporais

Essa atividade traz algumas manchetes de notícias encontradas na web que tratam de questões de gênero nas práticas corporais com os seus respectivos *links*.

O objetivo dessa atividade é problematizar essas manchetes no espaço escolar, o qual, em geral, propicia a formação de ideologias, valores, comportamentos, discriminações e preconceitos que são construídos social e culturalmente, com reforço da mídia.

1. **Abram espaço para o esporte feminino. Ou, então, serão atropelados**
2. **María Sharapova vence o jogo, mas o destaque é a sua celulite**
3. **Após 10 anos, mulher volta a apitar jogo masculino em torneio nacional**
4. **Mulheres invadem o tatame em busca de corpo definido e defesa pessoal**
5. **Bailarinos homens ainda sofrem com discriminação**
6. **Ex-jogadoras se unem para combater preconceito no futebol feminino**
7. **Marcela Temer: bela, recatada e "do lar"**

#### QUESTÕES

- 1- Divida a turma em cinco grupos; cada grupo ficará com um texto. Em seguida, alunas e alunos irão ler o texto e cada grupo deverá destacar as principais ideias do texto para a turma. A professora e o professor irão, em seguida, problematizar as discussões feitas pelas alunas e alunos.
- 2- Cada grupo deverá pesquisar, no laboratório de informática da escola ou em casa, textos que trazem esse tipo de temática e apresentar na próxima aula.
- 3- Em seguida, debater em sala de aula o tratamento dado para as questões de gênero veiculadas pela mídia.

---

<sup>9</sup> Atividade adaptada da Disciplina Problemática da Educação Física do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF).

## ATIVIDADE 8<sup>10</sup>

### Analizando a imagem



1-Alunas e alunos deverão analisar a imagem e as frases anteriores. Em seguida, discutir, em grupos, qual a intenção desse anúncio.

2-Como vocês avaliam a forma que a imagem da mulher foi associada ao esporte e ao produto apresentado na propaganda?

3-Na sua visão, esse tipo de propaganda reforça preconceitos e discriminações? Por quê?

4- A forma como a imagem da mulher é representada na mídia colabora para uma sociedade igualitária e democrática? Por quê?

<sup>10</sup> Atividade criada por Gilvan Moreira da Silva (2019).

## ATIVIDADE 9<sup>11</sup>

### Análise das ilustrações

Responda às questões, a seguir:

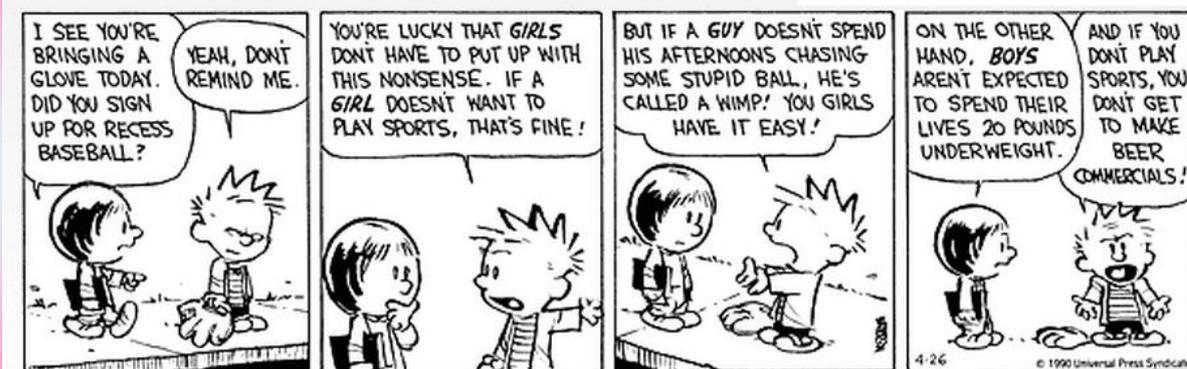


Para realizar a atividade, a seguir, pedimos a você que analise os seguintes links:

Charge: <https://goo.gl/9heKuj>

Tradução: Jason, eu adoraria que você jogasse, mas futebol é um jogo de menina.

### Calvin and Hobbes by Bill Watterson



Fonte: <http://i.imgur.com/MOPe4.png>

<sup>11</sup> Atividade retirada da disciplina Problemáticas da Educação Física do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF).

**Tradução:**

*Estou vendo que você trouxe uma luva hoje, você se inscreveu pro beisebol?*

*É, nem me lembre!*

*Você tem sorte de Garotas não terem que aguentar essa besteira; se uma garota não quiser praticar esportes, tudo bem!*

*Mas, se um cara não passar a tarde perseguindo uma bola idiota, ele é chamado de frouxo!*

*Pra vocês, meninas, é moleza!*

*Por outro lado, ninguém espera que meninos passem a vida 10 quilos abaixo do peso.*

*E se você não praticar esportes, não faz anúncios de cerveja!*

1. Como a tirinha de Calvin trabalha com as identidades masculinas e femininas no que diz respeito às expectativas para cada um dos personagens?
2. Qual o paradoxo apresentado pela charge do futebol, considerando a realidade brasileira? Em que sentido tal paradoxo poderia nos auxiliar a desconstruir estereótipos de gênero nas práticas corporais em aulas de Educação Física?
3. Considerando que a charge sobre futebol é estadunidense e foi publicada no jornal The New York Times, que análise podemos fazer ao compararmos os contextos do Brasil e dos Estados Unidos em relação ao futebol?
4. De que forma estes marcadores de gênero presentes na tirinha e na charge aparecem na Educação Física Escolar nos diferentes ciclos escolares? Cite alguns exemplos que vocês conhecem.

## SUGESTÕES DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS

1.

**CURTA: VESTIDO NUEVO**  
Sergi Pérez  
**DURAÇÃO: 13 min**  
**ANO: 2008**  
**CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA:**  
**12 anos**



### SINOPSE<sup>12</sup>

“Gosto muito do dia de carnaval. É muito divertido, porque nos fantasiamos e nos deixam ir sem uniforme. Ir como queremos”. Com essa fala do pequeno Mário começa essa sensível produção, feita pela TV pública espanhola, que mostra a história de um menino, que, em um dia de carnaval, chega à escola de vestido rosa e unhas pintadas. Com apenas 13 minutos de duração, o curta traz à tona como o ambiente escolar possui um papel fundamental e formador, nesses casos. Mostra, ainda, a forma diferente como adultos e crianças lidam com a questão”.

<sup>12</sup> Sinopse retirada do site: [educacaointegral.org.br/reportagens/filmes-para-debater-diversidade-sexual-de-genero/](http://educacaointegral.org.br/reportagens/filmes-para-debater-diversidade-sexual-de-genero/) Acesso em: 10 jul. 2020.

2.

**VÍDEO CLIPE: TLE LIGHT**  
**HolySiz (Benoît Pétré, 2014)**  
**DURAÇÃO: 04 min**  
**ANO: 2014**  
**CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA:**  
**12 anos**



### **SINOPSE<sup>13</sup>**

“O vídeo, de pouco menos de quatro minutos, é, na verdade, um clipe de uma canção, mas pode ser perfeitamente visto como um curta-metragem. A narrativa visita o mesmo tema e ambiente de *Vestido Nuevo*: um menino decide, um dia, ir à escola de vestido. De novo, aparece o ambiente escolar como um espaço importante e como o olhar dos adultos, já formatados em uma lógica binária, acaba atribuindo sentidos diferentes aos das crianças. Mostra, sobretudo, que os preconceitos podem e devem ser superados.”

---

<sup>13</sup> Sinopse retirada do site: [educacaointegral.org.br/reportagens/filmes-para-debater-diversidade-sexual-de-genero/](http://educacaointegral.org.br/reportagens/filmes-para-debater-diversidade-sexual-de-genero/). Acesso em: 10 jul.2020.

### 3.

**FILME: A CAMINHO DE KANDAHAR**

(Safar É Gandejar)

**PAÍS/ANO DE PRODUÇÃO:** Irã, 2001

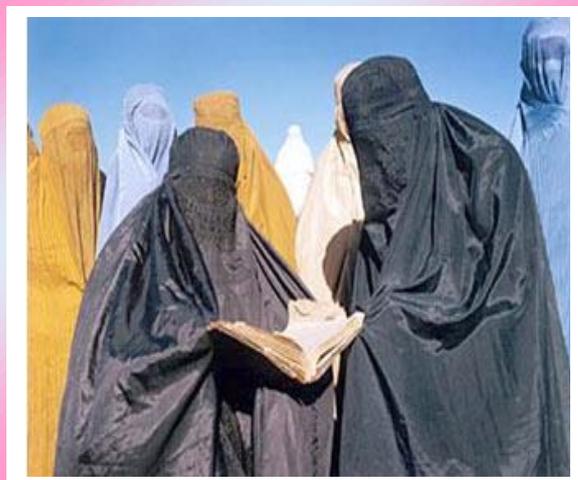
**DURAÇÃO/GÊNERO:** 85 min., Drama

**DIREÇÃO DE** Mohsen Makhmalbaf

**ROTEIRO DE** Mohsen Makhmalbaf

**ELENCO:** Niloufar Pazira, Hassan

Tantai, Sadou Teymouri



#### SINOPSE<sup>14</sup>

“O que é um sabre?” pergunta o professor aos seus alunos do Corão. “Um sabre é uma arma que executa as ordens de Deus. Uma arma de Deus que corta as mãos do ladrão e a cabeça do assassino”, responde o jovem pupilo.

“O que é um Kalashnikov?”, pergunta o professor a outro aluno. “Kalashnikov é uma arma semiautomática que mata os vivos e destroça a carne daqueles que já morreram”, responde esse outro aprendiz.

De acordo com Amartya Sen, economista indiano, ganhador do prêmio Nobel, “pode-se afirmar que uma compreensão adequada de quais são as necessidades econômicas – seu conteúdo e sua força – requer discussão e diálogo”. Como dialogar com Kalashnikovs? De que forma discutir diante da força dos sabres?

Amartya continua suas reflexões sobre a questão das liberdades plurais como fundamentos para que se estabeleça uma melhor condição de vida numa sociedade, afirmando que “os direitos políticos e civis, especialmente os relacionados à garantia da discussão, debate, crítica e dissensão abertos, são centrais para os processos de geração de escolhas bem fundamentadas e refletidas”. De que forma implementar isso em países

<sup>14</sup> Sinopse retirada do site: [acervo.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=689](http://acervo.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=689). Acesso em: 10 jul.2020.

que adotam políticas fundamentalistas radicais, como foi o caso do Afeganistão, controlado pelos Talibãs, em que as mulheres vivem à margem da sociedade, praticamente excluídas, como autênticas párias?

No Afeganistão dos Talibãs as meninas nem podiam estudar. O governo radicalizou a situação de desprezo social e isolamento das mulheres desde a infância. Dessa forma, elas foram transformadas em párias permanentes dentro dos limites de sua própria pátria e perante toda a comunidade masculina. Não lhes era permitido nem mesmo andar na frente ou ao lado de seus maridos. Suas vidas destinavam-se apenas ao espaço doméstico, a cuidar da casa, a criar os filhos e a procriar...”

4.

**FILME: O SORRISO DE MONA LISA**

(Mona Lisa Smile)

**PAÍS/ANO DE PRODUÇÃO:** EUA, 2003

**DURAÇÃO/GÊNERO:** 125 min., Drama

**DIREÇÃO:** Mike Newell

**ROTEIRO:** Lawrence Konner e Mark Rosenthal



#### SINOPSE<sup>15</sup>

“Alguns especialistas chegaram a comparar “O Sorriso de Mona Lisa” ao vibrante e inspirador “Sociedade dos Poetas Mortos”, diziam que esse recente sucesso de Julia Roberts seria a versão feminina do bem-sucedido filme estrelado por Robin Williams e dirigido por Peter Weir. Talvez tenham sido iludidos pela atmosfera dos anos 1950 e pelo ambiente fechado de uma escola para moças, referências parecidas com aquelas percebidas em “Sociedade dos Poetas Mortos” (diferenciando-se apenas pelo fato de que “Sociedade” tem como pano de fundo uma escola de Ensino Médio, exclusiva para garotos, enquanto “Mona Lisa” retrata uma faculdade para moças).

A despeito de eventuais semelhanças, “Mona Lisa” não é um filme cujo principal enfoque está na educação libertadora, esclarecedora, em que se pretende que os estudantes percebam a riqueza da literatura ou da poesia como elementos definidores da essência da humanidade. Há alguns momentos e ações que nos levam a crer que a personagem Katherine Watson, vivida por Julia Roberts, tem perfil assemelhado ao do professor John Keating (Robin Williams) do filme de Weir (“Sociedade”).

---

<sup>15</sup> Sinopse retirada do site: [acervo.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=266](http://acervo.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=266). Acesso em: 10 jul. 2020.

Ela também está imbuída da ideia de que através de suas aulas é possível dar maior autonomia e preparo para que suas alunas enfrentem o mundo. Sua personagem também é obrigada a renovar o fôlego do curso que ministra com algumas variações didáticas pouco comuns ao universo da faculdade em que trabalha. A jovem professora de história da arte vivida por Roberts é, entretanto, muito mais que uma profissional em busca de renovação em seu trabalho pedagógico, ela é o protótipo de mulher moderna, livre, desimpedida e que quer quebrar as barreiras do mundo machista em que vive.

Julia encarna um feminismo antecipado em alguns anos. É uma mulher que está além de seu tempo e que não se conforma com o fato de suas alunas irem a faculdade para estudar sem as perspectivas futuras de tornarem-se profissionais e ingressarem no mercado de trabalho. Não há outro desejo nas estudantes que frequentam suas aulas senão o de se tornarem futuras esposas, dedicadas e preparadas para transformar a vida de seus maridos numa existência confortável onde as aparências são mantidas (mesmo que cinicamente) a qualquer custo (ainda que isso signifique o sacrifício de suas honras e esperanças).

“O Sorriso de Mona Lisa” é um libelo em favor da emancipação das mulheres e uma pesada crítica ao conformismo que imperava entre as representantes do sexo feminino durante os anos 1940 e 1950. Olhamos para trás e percebemos que por trás de toda aparente felicidade dos lares americanos daquele período existiam mulheres restringidas em suas capacidades mesmo depois de terem sido convidadas a participar mais ativamente da sociedade em que viviam durante os anos da 2ª Guerra Mundial (quando os homens foram aos campos de batalha enfrentar os nazistas na Europa e muitas das funções exercidas por eles foram repassadas para mulheres).

A emancipação do jugo masculino, oferecida em virtude dos conflitos vividos em terras européias, era um blefe, uma necessidade de momento, em relação a qual houve um retrocesso considerável na década seguinte. “O Sorriso de Mona Lisa” nos leva a esse universo mascarado e também ao esforço de algumas mulheres (personificadas na professora de história da arte vivida pela estrela Julia Roberts) para não deixar que as conquistas de alguns anos atrás fossem perdidas para sempre...”

5.

**FILME: GRACIE**

**PAÍS/ANO DE PRODUÇÃO: EUA,**

**2007**

**DURAÇÃO/GÊNERO: 1 h 37 min/Drama**



### **SINOPSE<sup>16</sup>**

“O ano é 1978 e a jovem Gracie Bowen (Carly Schroeder), de 15 anos, é fanática por futebol. Seu pai, seus três irmãos e seus vizinhos compartilham dessa mesma paixão e frequentemente marcam uma partida noturna para se divertir e treinar. O sonho da adolescente é jogar bola com seus amigos, mas seu pai não acha que esse é um esporte para mulheres. A única pessoa na família que a apoia é seu irmão mais velho Johnny (Jesse Lee Soffer), um atleta respeitado na região que acredita que Gracie tenha técnica suficiente para jogar com os garotos. Quando ele se envolve num grave acidente de carro a jovem se oferece para substituí-lo em uma competição regional. A bela menina de personalidade forte irá enfrentar o preconceito e até sua própria família para mostrar para todos o futebol feminino deve ser respeitado.”

---

<sup>16</sup> Sinopse retirada do site: [adorocinema.com/busca/?q=gracie](http://adorocinema.com/busca/?q=gracie). Acesso em: 10 jul.2020.

6.

**FILME: MENINA DE OURO**

**PAÍS/ANO DE PRODUÇÃO: EUA,**

**2004**

**DURAÇÃO/GÊNERO: 2 h 12 min/Drama**



#### SINOPSE<sup>17</sup>

“Frankie Dunn (Clint Eastwood) passou a vida nos ringues, tendo agenciado e treinado grandes boxeadores. Frankie costuma passar aos lutadores com quem trabalha a mesma lição que segue para sua vida: antes de tudo, se proteja. Magoado com o afastamento de sua filha, Frankie é uma pessoa fechada e que apenas se relaciona com Scrap (Morgan Freeman), seu único amigo, que cuida também de seu ginásio. Até que surge em sua vida Maggie Fitzgerald (Hilary Swank), uma jovem determinada que possui um dom ainda não lapidado para lutar boxe. Maggie quer que Frankie a treine, mas ele não aceita treinar mulheres e, além do mais, acredita que ela esteja velha demais para iniciar uma carreira no boxe. Apesar da negativa de Frankie, Maggie decide treinar diariamente no ginásio. Ela recebe o apoio de Scrap, que a encoraja a seguir adiante. Vencido pela determinação de Maggie, Frankie enfim aceita ser seu treinador.”

<sup>17</sup> Sinopse retirada do site: [adorocinema.com/filmes/filme-56714/](http://adorocinema.com/filmes/filme-56714/). Acesso em: 10 jul.2020.

7.

**FILME: DRIBLANDO O DESTINO**

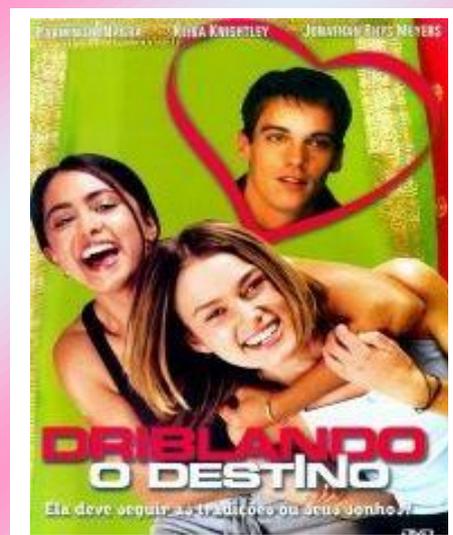
**PAÍS/ANO DE PRODUÇÃO: EUA,**

2002

**DURAÇÃO/GÊNERO: 1 h 52 min/Drama,**

Comédia e Romance.

**DIREÇÃO: Gurinder Chadha**



### SINOPSE<sup>18</sup>

“O sonho de Jesminder Bhamra (Parminder Nagra) é seguir o caminho de seu ídolo David Beckham e se tornar uma jogadora profissional de futebol. Entretanto ela enfrenta problemas em sua família, que deseja que ela siga os costumes indianos tradicionais, assim como sua irmã mais velha, Pinky (Archie Panjabi). O confronto entre as partes chega ao ápice quando Jesminder é obrigada a escolher entre a tradição de seu povo e seu grande sonho.”

---

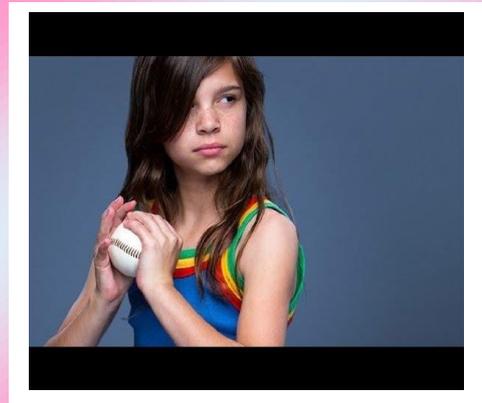
<sup>18</sup> Sinopse retirada do site: [adorocinema.com/filmes/filme-43170/](http://adorocinema.com/filmes/filme-43170/). Acesso em: 10 jul.2020.

8.

**DOCUMENTÁRIO: O QUE SIGNIFICA:  
FAZER AS COISAS TIPO MENINA?**

**ANO DE PRODUÇÃO:** 2002

**DURAÇÃO/GÊNERO:** 3 MIN.



### SINOPSE<sup>19</sup>

“O vídeo que está deixando mulheres do mundo inteiro orgulhosas por correr ‘como uma menina’.

Fazer coisas como uma menina não deveria ser um insulto.

Alguns falam por maldade, outros dizem sem saber. O fato é que a expressão *como uma menina* é utilizada de maneira pejorativa. Não acha? Eu arrisco dizer que você já viu valentões de recreio de escola pressionando outros garotos dizendo que eles fazem as coisas como uma menina. A campanha da Always faz uma crítica direta a essa expressão. O que na cabeça de alguns é só uma “brincadeira”, esse vídeo deixa claro que o buraco é mais embaixo.”

---

<sup>19</sup> Sinopse retirada do site: [awebi.com/o-video-que-esta-deixando-mulheres-mundo-inteiro-orgulhosa-por-correr-como-uma-menina/](http://awebi.com/o-video-que-esta-deixando-mulheres-mundo-inteiro-orgulhosa-por-correr-como-uma-menina/). Acesso em: 10 jul.2020.

9.

**DOCUMENTÁRIO: CORAGEM - A LUTA  
DE MULHERES QUE FIZERAM DO  
ESPORTE PARTE DE SUA HISTÓRIA**

**ANO DE PRODUÇÃO: 2018**

**DURAÇÃO: 30 MIN.**



**CORAGEM**  
*Mulheres no Esporte*

### **SINOPSE<sup>20</sup>**

“O documentário Coragem é o Trabalho de Graduação feito em 2018 na Universidade de Taubaté por duas jornalistas, Maria Clara Thomaz e Rafaela Pereira, admiradoras de esportes e apaixonadas por contar histórias. Este filme, que conta a trajetória, as lutas e as conquistas de grandes atletas das mais variadas modalidades tem por intuito conscientizar sobre o preconceito, fomentado o respeito e a visibilidade com as mulheres atletas, mães, esposas, filhas que, todos os dias, lutam pelo seu espaço no esporte.”

---

<sup>20</sup> Sinopse retirada do site: [youtube.com/watch?v=T7jeWgcb2sl](https://youtube.com/watch?v=T7jeWgcb2sl). Acesso em: 10 jul.2020.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar acerca da prática pedagógica e aprendizagem das nossas alunas e alunos no espaço escolar é importante para trilharmos caminhos que possam colaborar nessa caminhada. Estudar as relações de gênero e a participação das alunas em aulas de Educação Física teve o propósito de contribuir nesse processo formativo e inclusivo no chão da escola. A construção da dissertação e desse produto teve a intenção de criar possibilidades, estabelecer diálogos e ampliar o debate na escola e no campo acadêmico.

O caderno pedagógico, como material didático, buscou, por meio de conceitos, questionamentos e sugestões, trazer esse tema de maneira dinâmica e interativa, com uma linguagem simples no intuito de facilitar a abordagem de um tema complexo e relevante no espaço escola. A ideia é que as discussões, as dúvidas, os questionamentos e as reflexões criem oportunidades de intervenção na prática pedagógica no intuito de compreender o ato pedagógico e o espaço escolar como construção social e cultural sujeita à mudança. Nesse caminho, entende-se os limites dessa produção pela complexidade do tema, mas a gratidão é imensa pela possibilidade de colaborar nessa construção e incitar alunas e alunos, professoras e professores a novas percepções.

O objetivo do caderno pedagógico é despertar de sujeitos a uma curiosidade epistemológica que possa instigar professoras e professores a pensar ações pedagógicas no intuito de mediar processos de participação inclusivos, cooperativos e democráticos nas aulas de Educação Física.

Espera-se que esse material possa contribuir para o debate acerca do tema gênero no espaço escolar, estabelecendo novas relações sociais de gênero orientadas por princípios humanos que valorizem a justiça social, a equidade, o respeito e a diversidade na intenção de mediar processos de participação inclusivos, cooperativos e democráticos nas aulas de Educação Física, transformando a escola em um lugar de todas e todos.

## QUER SABER MAIS SOBRE O ASSUNTO?



ALMEIDA, J. S. As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. **Série-Estudos**. Periódico do programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande – MS, n.31, p.165-181, 2011.

ALTMANN, H.; SOUSA, E. S. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos CEDES**, v.19, n.48, p.52-68, Campinas, 1999.

BACKES, J. L.; PAVAN, R. O currículo e a produção de identidades/diferenças de gênero: a heteronormatividade em questão?. Dossiê “a função política da alegria no cotidiano escolar”, **Cadernos de Pesquisa em Educação**, p.94-105, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/educacao/article/view/19027>. Acesso em: 22 mar. 2019.

BETINARDI, S. Meninos e meninas: a (in)diferença nas aulas mistas de educação física. **Caderno pedagógico**. Curitiba: UFP, 2008, p.14-15.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

CASTELLANI FILHO, L. Esporte e mulher. **Revista Motrivivência**, n.2, p.87-92, 1989. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/19616> doi:<https://doi.org/10.5007/%x>>. Acesso em: 23 set. 2019.

CASTELLANI FILHO, L. **Política educacional e educação Física**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

CUNHA, A. T. B. o magistério primário no Brasil e a presença feminina na profissão docente: o que mostram os documentos oficiais. **Revista Gestão Universitária**, 2018.

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”. In: ROMERO, E. (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995.

DAL'IGNA, M. C. Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença?. **Educação em revista**. n.46, p.241-267, 2007, versão online. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982007000200010>. Acesso em: 22 fev. 2020.

DARIDO; S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola**: Implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara KOOgan, 2005.

DERRIDA, J. **No escribo sin luz artificial**. Trad. Rosario Ibañes e Maria José Pozo. Valladolid: Cuatro ediciones, 1999.

FERNANDES, R.R; SILVA, S. R. Ser Mais na Obra de Paulo Freire: relação entre ética, humanismo e técnica. **Revista Científica Interdisciplinar**. Instituto Federal do Paraná, v.2, n.1, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d' Água, 1997.

FURLAN, C. Cristina; SANTOS, P. L. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 30, p. 28-43, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2008n30p28>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

GOELLNER, S. V. Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade. In: OLIVEIRA, A. A. B.; PERIN, G. L. (Orgs.). **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática**. Maringá: Eduem, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/1vEJDV>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

JACÓ, J. F. **Educação física escolar e gênero**: diferentes maneiras de participar das aulas. 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/275040/1/Jaco\\_JulianaFagundes\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/275040/1/Jaco_JulianaFagundes_M.pdf). Acesso em: 16 abr. 2019.

JACÓ, J. F.; ALTMANN, H. Educação física escolar e gênero: as diferenças entre meninos e meninas nas maneiras de participar das aulas. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL, 2011, Maringá, Paraná. **Anais...** II Simpósio Internacional de Educação Sexual – II SIES. Gênero, direitos e diversidade sexual: trajetórias escolares. UEM, Maringá, PR, 2011.

KUNZ, M. C. S. **Quando a diferença é mito: Uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física.** 1993. 167 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em educação. Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.

LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDON, V. R. (Orgs). **Gênero e saúde.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

LUCIFORA, C. A.; REINA, F. T. Currículo e questões de gênero uma relação de poder em meio escolar. **Revista Temas em Educação e Saúde**, v.14, n.1, p.5-15, 2018.

MORTALLI, M. R. L., **Cartilha de alfabetização e cultura escolar: Um pacto secular.** Disponível em [www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a04v2052.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a04v2052.pdf).

OLIVEIRA, D. A. **Gestão democrática da educação: desafios contemporâneos.** 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, M. A. Educação Física e equidade de gênero: perspectivas e possibilidades. **Cadernos PDE**, v.1, 2011. Disponível em: <[www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20)>. Acesso em: 10 maio 2017.

SANTOS, B.S. A construção intercultural da igualdade e da diferença. In: SANTOS, B.S. **A gramática do tempo.** São Paulo: Cortez, 2006. p. 279-316.

SANTOS, J. M. **O gênero na escola: a educação física em questão.** 2008. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Ciências Humanas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008. Disponível em <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/1622>. Acesso em: 22 fev. 2020.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. **Educação e realidade.** v.20, n 2, p.71-99, 1995.

SILVA, G. M. da. **O lugar e o não-lugar das meninas nas aulas de educação física: relações de gênero e obstáculos culturais.** 2020. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional– ProEF, 2020. Maringá, 2020.

SILVA, P.; GOMES, P. B.; GOELLNER, S. As relações de gênero no espaço da Educação Física: A percepção de alunos e alunas. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, vol.8, n.3, p.396-405, versão online, 2008. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-05232008000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-05232008000300009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 18 fev. 2020.

SOARES, C. L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista Educação Física**, p.6-12, 1996.

SOUSA, E. S. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!**: a história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). 1994. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

SOUZA, F.C. **Desvendando práticas familiares e escolares a partir das relações de gênero**: uma reflexão sobre a educação de meninos e meninas. 2007. Tese (Doutorado) Programa de Pós Graduação em Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, 2007.

UCHOGA, L. A. R. **Educação física escolar e relações de gênero: risco, confiança, organização e sociabilidade em diferentes conteúdos**. 2012. 190 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

## IMAGENS USADAS NO DESIGN



- ☺ <https://www.pixabay.com>. Acesso em: jul. 2020.
- ☺ <https://www.freepik.com/photos/man>'>Man photo created by d3images - [www.freepik.com](http://www.freepik.com)</a>. Acesso em: 05 jul. 2020.
- ☺ <https://www.freepik.com/vectors/design>'>Design vector created by macrovector - [www.freepik.com](http://www.freepik.com)</a>. Acesso em: 05 jul. 2020.
- ☺ <https://br.freepik.com/fotos-vetores-gratis/escola>'>Escola vetor criado por studiogstock - [br.freepik.com](http://br.freepik.com)</a>. Acesso em: 06 jul. 2020.
- ☺ <https://br.freepik.com/fotos-vetores-gratis/pessoas>'>Pessoas vetor criado por freepik - [br.freepik.com](http://br.freepik.com)</a>. Acesso em: 06 jul. 2020.
- ☺ <https://br.freepik.com/fotos-vetores-gratis/escola>'>Escola vetor criado por freepik - [br.freepik.com](http://br.freepik.com)</a>. Acesso em: 06 jul. 2020.
- ☺ <https://br.freepik.com/fotos-vetores-gratis/fundo>'>Fundo vetor criado por jemastock - [br.freepik.com](http://br.freepik.com)</a>. Acesso em: 07 jul. 2020.
- ☺ <https://br.freepik.com/fotos-vetores-gratis/escola>'>Escola vetor criado por brgfx - [br.freepik.com](http://br.freepik.com)</a>. Acesso em: 07 jul. 2020.
- ☺ <https://br.freepik.com/fotos-vetores-gratis/carater>'>Caráter vetor criado por brgfx - [br.freepik.com](http://br.freepik.com)</a>. Acesso em: 07 jul. 2020.